



HERCULANO CACULO

SAGA DO
IMPARÁVEL

A HISTÓRIA DO HERÓI

A SAGA DO IMPARÁVEL

A HISTÓRIA DO HERÓI

Ficha Técnica

Copyright © Herculano Caculo
Autor: Herculano Caculo
Título: A Saga do Imparável - A História do Herói

Editor: Herculano Caculo
Editora: Herculano Caculo
E-mail: herculano.caculo@gmail.com
Fone: +1 437 288 7949
Diagramação: Herculano Caculo
Capa: Alessandro Samba
Depósito Legal nº: 10338/2021

Edição: 02/2022
E-mail: herculano.caculo@gmail.com
WhatsApp: +244 932 627 207
Fone: +1 437 288 7949

ÍNDICE

INTRO.....	5
CAPÍTULO I - O INÍCIO.....	6
CAPÍTULO II - O PERÍODO DE FORMÇÃO.....	14
CAPÍTULO III - A PROCURA DE UM EMPREGO	26
CAPÍTULO IV - O EMPREGO NA POLÍCIA	30
CAPÍTULO V - O FLASHBACK.....	38
CAPÍTULO VI - A SAGA CONTINUA	47
MORAL DA HISTÓRIA.....	58

INTRO

... A empregada doméstica conseguiu concretizar o seu sonho, inspirou muita gente, e até hoje o seu legado continua.

Hoje o país Zeta é respeitado e é uma referência e exemplo a seguir. Hoje os cidadãos desse país protegem a sua liberdade e promovem liberdade dos outros.

O povo agora consegue viajar para outros países e ver como os outros vivem e também agora conseguem fazer parceiras justas com povos de outros países.

No país realmente houve mais uma revolução, mas desta vez a revolução foi feita por gente preparada e que sabia o que queria da vida.

O lema do país agora é: Cada um aonde estiver promova a “Liberdade Para Todos.” Este agora era o lema a ser protegido a qualquer custo, “LIBERDADE”.

FIM...

MORAL DA HISTÓRIA

Os heróis não são seres de outro mundo e muito menos eles têm super poderes. Eles são pessoas normais mas com as características de super comprometimento e características de super determinação.

Os heróis são pessoas normais de carne e osso que dão sempre o seu melhor, dão sempre o seu máximo, fazem sempre tudo que estiver ao seu alcance para que as coisas possam acontecer.

Os heróis não ficam parados, eles estão sempre em movimento, porque eles sabem que parar é morrer. Eles não esperam facilidades da vida, porque sabem que a vida não é uma função linear.

Os heróis sabem que na vida há muitos altos e baixos. Pois eles se lembram o que representa a vida numa cama do hospital, não são as linhas rectas no monitor, mas sim são as linhas com altos e baixos no monitor.

CAPÍTULO I - O INÍCIO

Era uma vez no universo União. Neste maravilhoso universo existiam sete países que se chamavam: país Zeta, país Zera, país Zeda, país Zeba, país Zeva, país Zega e país Zepa.

E essa história se desenrola concretamente no país Zeta. E o personagem principal desta história é o Strick, um jovem águia.

O Strick vivia no país Zeta, uma terra estupenda mas que era governada com braços de ferro por um rei jumento implacável e o seu staff de lacraus e tubarões.

A dada altura o rei mandou construir um muro para dividir o país ao meio, e assim passou a existir a parte Sul do país (o musseque) e parte Norte do país (a cidade).

E com esta divisão, passou a existir no país Zeta apenas duas classes na sociedade, a classe baixa (os do musseque) e a classe alta (os da cidade).

O jovem Strick vivia na parte Sul do muro com o seu tio Zigó, que era um operário numa indústria.

E também vivia com a esposa do seu tio, a Lina, que era uma comerciante ambulante e com os 2 filhos do casal, o Scoty e o Roy.

O Strick nasceu no ano em que os seus pais faleceram. No ano da revolução que deu origem a independência ao povo do país Zeta.

O pai do Strick tombou na frente de combate e a sua mãe faleceu no serviço de parto. E assim o Strick ficou órfão (ele era o filho primogénito de seus pais).

Mas no país Zeta existia uma cultura que dizia que ninguém fica sem pai.

Se os pais biológicos de alguém sucumbissem, um dos familiares dos pais assumia a função dos pais.

E foi num acto de cumprimento deste hábito que o Strick foi viver com o seu tio.

O Strick sempre foi amado como um filho biológico do casal e ele sempre viu os seus tios como os seus pais biológicos.

Na parte Sul do país Zeta havia muita pobreza e os que viviam nesta parte do país eram os mais necessitados que viviam praticamente uma vida de indigência.

Mas na parte Norte do país Zeta a realidade era outra, os habitantes do lado Norte do país Zeta tinham as melhores condições de vida e eram os mais abastados.

Mas pese embora a parte Sul do país Zeta ser a parte mais pobre, ainda assim o Strick era feliz, pois ele vivia na ignorância e sem grandes ambições para o futuro.

E na verdade na parte Sul do país ninguém tinha ambições, pois viviam um dia de cada vez e não pensavam no futuro porque não tinham o que pensar sobre o futuro.

Eles não tinham muito que pensar sobre o futuro porque tudo o que eles pensavam era arranjar formas de colocar comida em cima da mesa, porque a fome naquele lado do país era uma constante.

Antes de completar 6 anos, a idade escolar, a rotina do Strick era brincar, brincar e mais brincar em companhia de seus amigos.

Eles brincavam com carros feito de lata, brincavam com bonecos fabricados de argila e andavam pelo musseque a dentro sobre trotinetes feitas de madeira.

As crianças no lado Sul do país Zeta eram obrigadas a serem criativas com os seus brinquedos, porque os seus pais não tinham dinheiro para comprar brinquedos a sério.

Os pais não tinham dinheiro para comprar brinquedos a sério para as crianças, porque o que ocupava os pensamentos dos adultos era saber como vão colocar comida em casa no final de cada dia.

Contudo, o tempo foi passando e a idade 6 para o Strick chegou e ele tinha que começar a ir para escola, e isto também significava para ele menos brincadeira.

No seu primeiro dia de aulas, o Strick não tinha uma mochila em condições para poder colocar os seus materiais escolares.

Na verdade na parte Sul do país Zeta nenhuma criança tinha mochila em condições. Então o Strick usou um saco preto para fazer a função da mochila.

A caminho para da escola, o Strick andou quilómetros até chegar ao seu destino. O Strick ainda era uma criança mas já era esperto o suficiente para ir a escola sozinho.

O Strick quando ia para escola, ele foi com muito estilo, pois ele tinha as mãos no bolso, colocou o seu saco preto nos ombros e foi o caminho todo assobiando e bicando com a ponta dos pés as pedras que via pela frente na via pública.

Quando o Strick chegou na escola, ele estava todo empoeirado, e para não perder o estilo, ele decidiu se sacudir antes de entrar na sala de aulas, e enquanto se sacudia ele tossia devido a poeira que inalava, mas também o fazia com muito estilo.

Depois do Strick terminar de se sacudir entrou na sala de aulas. E ele quando entrou na sala aulas, ele notou que não havia carteiras na sala e os alunos estavam sentados sobre pedras pequenas ou sobre latas.

O Strick notou ainda que em um assento (uma pedra ou uma lata) estavam sentados dois alunos.

E ele também notou que na sala de aulas o quadro era uma pintura preta na parede, e esta pintura tinha o formato rectangular.

O Strick notou também que só existia estrutura de janela e de porta, mas na realidade não havia porta nenhuma ou janela alguma.

Ele viu também que na sala de aula só tinha uma carteira, e essa carteira era pertença do professor da turma.

Depois o Strick reparou que os que chegavam mais cedo tinham o privilégio de se sentar na janela e os que chegavam atrasados se sentavam no chão.

Para o Strick essa realidade era normalíssima, pois era a única realidade que ele conhecia (ele não conhecia uma outra realidade para servir de base de comparação).

Para o Strick as aulas até eram interessantes, mas era difícil se concentrar nas aulas com as lombrigas a fazerem revolução no interior da sua barriga.

Porque na parte Sul do país Zeta a realidade era muito dura. Apenas se fazia duas refeições por dia, que era o matabicho (pequeno almoço) e o jantar.

Pois aí reinava o lema: “O esperto não almoça, só janta”. Ele nunca entendeu muito bem o sentido desse ditado. Mas viria a entender um dia no futuro.

O Strick não entendia o sentido deste ditado porque os animais de tanta fome muitas vezes pensavam que não voltaria a ver o Sol a nascer na manhã dia seguinte.

Como o Strick para chegar na escola tinha que andar quilómetros, e tinha que assistir as aulas com fome, por causa disso ele não dava muito interesse as aulas.

Ele só ia a escola por formalidade e porque outras crianças também iam. Mas numa noite, ele teve uma experiência terrível que lhe fez mudar totalmente de postura.

Como na parte Sul do país Zeta a pobreza era extrema, então muitas das vezes alguns habitantes iam mesmo se deitar sem cearem.

E numa noite, na casa do Strick não havia manjar, então todos foram para cama sem fazerem a refeição nocturna.

Era uma noite escura em que o silêncio da noite era quebrado pelo barulho ensurdecedor dos relâmpagos numa chuva torrencial.

O Strick agora estava com 14 anos e os seus irmãos mais novos estavam com 10 e 5 anos respectivamente. O Roy, o rapaz de 5 anos na altura, estava com a saúde fraca.

E como todos foram se deitar sem fazer a última refeição do dia, então o pai do Strick tinha acordado, a meio da noite, para verificar se todos ainda folegavam.

Com uma vela acesa em mãos (não existia energia eléctrica na altura), o Zigó acordava um a um para verificar se estavam vivos, e se estivessem vivos, ele pedia que voltasse a dormir e passava para o a seguir.

Assim foi feito até chegar a vez do Roy, que estava enfermo naquele dia, o Zigó tentou acordar o rapaz, mas este não reagia aos estímulos do pai para acordar, pois ele estava desfalecido.

Então isso preocupou o pai que disse: Vamos levar o Roy ao hospital, ele não está acordar.

Strick vai pedir ajuda ao vizinho Zizu para nos dar boleia até ao hospital. Continuou o Zigó.

O Zizu era um leão muito prestativo, ele sempre que fosse envolvido em um problema, ele não descansava até ajudar a encontrar a solução para o problema, e devido a este seu bom coração, ele era muito solicitado e querido no bairro.

Como a família não tinha uma viatura, o Strick saiu de casa que nem uma bala e foi bater a porta do vizinho Zizu, pois ele tinha um carro, meio velho mas ainda dava para levar o Roy ao hospital.

Quando o vizinho Zizu abriu a porta, ele ainda estava meio bêbado de sono.

O Strick disse: Bom dia senhor Zizu, o meu irmão, o Roy está desfalecido, gostaríamos de lhe levar ao hospital, o senhor pode nos dar boleia com o seu carro?

Quando o senhor Zizu ouviu o problema, a bebedeira do sono lhe passou e ficou automaticamente muito sério. Mas a resposta foi: Infelizmente o meu carro está avariado de momento.

Após a resposta negativa por parte do senhor Zizu, o Strick agradeceu ao senhor Zizu pelo tempo dispensado, e voltou para casa a correr, e explicou a resposta ao pai e depois disse:

— Pai, aqui só há uma solução, não vamos perder mais tempo e vamos colocar o Roy na escota e vamos tentar pedir boleia na estrada.

O pai anuiu com o Strick e meteram a criança as escotas e se dirigiram para estrada para pedir boleia aos automobilistas que por ali trafegavam.

Mas postos na estrada, nenhum automobilista que transitava pela via reagiu positivamente ao sinal de pedido de boleia a eles feito pelos dois em aflição.

Mas era uma reacção normal dos motoristas, pois era de madrugada, e aquela zona não inspirava confiança a ninguém, nem mesmo aos habitantes daquela zona.

Então o pai olhou para o Strick e disse: Não há outra alternativa filho, teremos que ir mesmo a pé até ao hospital.

Então com o Roy as costas, debaixo de uma chuva intensa, e se rendendo pai e filho, eles caminharam a passos largos em direcção ao hospital.

Depois de caminharem cerca 10 km subindo uma descida, chegaram ao topo da subida.

Eles avistaram o hospital a distância, e parecia uma miragem aos seus olhos, mas não era uma miragem, era o hospital, eles haviam chegado no destino.

Posto no hospital levaram a criança nas urgências para ser atendido. Mas o médico em serviço, uma raposa que só queria saber de dinheiro, disse:

— Se eu não vir o dinheiro não vou atender esta criança.

O médico estava a pedir um depósito para que a criança fosse atendida. O pai e o filho ficaram estúpidos ao facto e ficaram a se olhar um ao outro, pois nenhum deles tinha dinheiro.

O pai pediu favor ao médico alegando que não tinha dinheiro nem mesmo para uma refeição.

E o médico disse: Sem dinheiro nada feito.

O pai perguntou ao médico se deixaria uma criança morrer só por falta de depósito.

E o médico respondeu: Olhe a sua volta e depois lembre-se que eu não sou uma instituição de caridade.

O pai olhou a sua volta e viu muitos doentes deitados no chão em estados graves de saúde, eles estavam a espera para serem atendimentos.

Estes doentes ainda não tinham sido atendidos até aquele momento por falta de dinheiro, e alguns acabaram mesmo por sucumbir nos braços dos seus familiares enquanto esperavam pelo dinheiro para pagar ao médico. Foi aí que o Zigó percebeu que o médico estava a falar mesmo a sério.

Então o Zigó não teve outra alternativa a não ser tomar a rápida decisão de recorrer a um lobo ganancioso bancário que vivia no lado Sul do país Zeta.

Pois o Zigó reflectiu: Duma maneira ou de outra eu acabarei mesmo tendo dinheiro, então eu prefiro que este dinheiro sirva para tratar o meu filho do que servir para enterrá—lo.

Então o Zigó e o Strick deixaram o Roy no hospital aos cuidados de outros familiares que se juntaram a eles mais tarde, incluindo a própria mãe do Roy, a Lina.

Estes familiares chegaram ao hospital de boleia com o senhor Zizu, pois este depois da notícia que recebeu não conseguiu mais pegar no sono e foi arranjar o seu carro e conseguiu superar a avaria.

E com boleia do senhor Zizu, o Zigó e o Strick se dirigiram em direcção a casa do lobo banqueiro ganancioso para conseguirem um empréstimo.

Este lobo banqueiro emprestava dinheiro ao povo da parte Sul do país Zeta mas cobrava juros absurdamente altos.

Mas não havia outra alternativa para o Zigó, o lobo banqueiro era a sua única alternativa.

Os três viajantes foram bater a porta do lobo banqueiro ganancioso que foi abrir a porta muito chateado por lhe terem importunado o sono em plena madrugada.

Mas quando ele soube que o assunto tinha a ver com empréstimo de dinheiro, os seus olhos brilharam, os seus marfins apareceram e ele ficou altamente motivado.

Tudo foi acertado e o Zigó conseguiu o empréstimo, embora que a uma taxa de juro muito altíssima.

Depois de tudo feito, os três não perderam mais tempo e voltaram para o hospital para fazerem a entrega dos valores ao médico para que o rapaz pudesse ser atendido.

Quando eles chegaram no hospital, a distância viram a criança no colo da mãe e a mãe chorava amargamente.

O desespero da mãe era visível no seu rosto e os três pensando que chegaram tarde de mais, mesmo com o dinheiro na mão, eles perderam todas as forças.

Mas depois ganharam coragem e se aproximaram aonde estava a criança e mãe, foi uma caminhada de poucos metros mas pareceu uma eternidade (o tempo pareceu parar para eles).

Quando eles chegaram junto da mãe e da criança, eles deram conta que a mãe prateava amargamente porque já não conseguia conter as emoções de ver o seu filho a morrer nos seus próprios braços.

A mãe chegou a esse ponto porque esta era a realidade que estava acontecer aos demais a volta dela.

Os outros animais estavam a ver os seus entrequeridos expirarem nos seus próprios braços.

Depois dos três constatarem que o pior não tinha acontecido, então o Zigó de imediato localizou o médico raposa e lhe fez a entrega do dinheiro.

E o médico num movimento mais rápido do que a velocidade da luz, colocou dinheiro no seu bolso e não nos cofres do hospital.

Nesse momento as coisas deixaram de fazer sentido para o jovem Strick. Mas ao menos a criança começou a ser atendida depois desse acto absurdo.

Depois deste episódio, e depois da chuva passar, o Strick foi sentar-se ao ar livre, já não havia mesmo nada a fazer a não ser rezar e esperar que tudo corresse bem.

O Strick se meteu a pensar:

— Como é possível ter muita gente com vontade de ajudar mas sem possibilidades para ajudar, mas do outro lado, como é possível ter muita gente com possibilidades de ajudar mas sem vontade de ajudar?

— Como é viemos parar nessa situação? Como é que batemos tão fundo?

E o Strick depois chegou a conclusão:

— Aqui no musseque estamos por cota própria, e se eu não fizer alguma coisa para ajudar a minha família, ninguém vai nos ajudar.

Então o Strick jurou naquele momento que no futuro não voltaria passar de novo por uma situação idêntica a que ele acabara de viver.

E para ele, para que tal não voltasse a suceder ele tinha que apostar nos estudos, e então naquele mesmo momento ele prometeu a si mesmo em se dedicar mais aos estudos.

Porque com uma formação ele poderia arranjar um bom emprego e poderia ajudar a sua família, pois era isso o que acontecia com os que conseguiam se formar.

No final de tudo o Roy foi tratado e recuperou, e depois de 24h ele recebeu alta e voltou para o seio da sua família.

A vida voltou ao normal para a família do Strick, eles continuaram a passar fome mas dessa vez fazia-se tudo para que as crianças não fossem para cama famintos.

A dívida depois de muitos anos foi paga, na verdade foi pago 3 vezes mais do que foi pedido.

Tal sucedeu porque o pagamento das prestações não eram sempre regular, mas as multas eram sempre regulares e crescia que nem uma bola de neve a rolar.

O Strick cumpriu a sua promessa, e se dedicou aos estudos como havia prometido para si mesmo naquela fatídica noite.

Ele ia para escola a pé, assistia as aulas com o estomago vazio, mas mesmo assim cumpriu a sua promessa até chegar a altura de ir para a universidade.

Mas para ir para universidade ele tinha que ter dinheiro para pagar as mensalidades, mas nem ele e nem a família tinham dinheiro para sustentar as mensalidades da universidade, até porque eles também precisavam de dinheiro.

Mas a boa notícia para o Strick é que havia a possibilidade de ele conseguir uma bolsa de estudo para estudar no lado Norte do país, por intermédio de uma associação sem fins lucrativo.

Um professor, o coelho George, que foi com a cara do Strick enquanto ele trabalhava duro para cumprir a sua promessa, viu o potencial dele e decidiu lhe ajudar.

O professor ajudou o Strick com tudo que era necessário para conseguir a bolsa de estudo e prometeu lhe receber em sua casa caso ele conseguisse a bolsa de estudo.

Então o Strick se preparou dia e noite, com chuva ou sem chuva, com frio ou sem frio, tudo para poder passar nos testes para conseguir a bolsa de estudo.

Nesse processo, na véspera dos exames, numa noite quando ele estudava a luz de velas, ele pegou no sono e a vela caiu e provocou incêndio em casa.

Mas todos conseguiram sair de casa com são e salvos, mas em contrapartida tudo que estava em casa virou cinza, não deu para recuperar nada, aumentando assim ainda mais a desgraça da família.

Mas o esforço para conseguir a bolsa de estudo valeu a pena, porque o Strick conseguiu passar nos exames e conseguiu uma bolsa de estudo.

Depois chegou altura do Strick partir para o lado Norte do país Zeta mas ele estava preocupado com a desgraça da família que ficou mais aprofundada pelo incêndio.

Mas o Zigó lhe disse: Vai se formar em paz meu filho, seja o orgulho da família. Nós aqui vamos se ajeitar do nosso jeito, vai tranquilo meu filho, seja o primeiro da família a quebrar a corrente da pobreza.

Estudando no lado Norte do país Zeta, o Strick tinha mais chances de ter uma boa formação e conseguir um bom emprego depois da formação.

O Strick quando partiu para o lado Norte foi com a ideia de que o sofrimento que ele vivenciou tinha que lhe servir para alguma coisa positiva.

Então ele usou esse sofrimento para lhe fazer lembrar de onde vem e lhe fazer lembrar porquê que não pode parar ou recuar ou desistir.

Nessa altura o Strick estava com 18 anos de idade.

CAPÍTULO II - O PERÍODO DE FORMAÇÃO

O Strick chegou na cidade no crepúsculo do dia, quando a cortina da noite já tinha coberto o céu e as estrelas já podiam começar a ser vistas no céu.

Logo na entrada da cidade, o Strick começou já a dar conta logo de cara das diferenças entre o musseque e a cidade.

Ele notou que o ar que batia na sua face, na cidade, era mais puro.

Ele deu conta que apesar de ser já de noite, mas nas ruas parecia que ainda era de dia devido a boa iluminação na cidade.

Ele deu conta que havia muitos prédios altos e bonitos, que quase lhe fizeram quebrar o pescoço de tanto andar a olhar para cima para contemplar a beleza dos mesmos.

O Strick estava admirado com os prédios porque ele nunca tinha visto um prédio no musseque, pois no musse não havia prédio algum.

Vendo este cenário todo, o Strick monologou: Este lugar é definitivamente diferente comparando com o sítio em que na qual eu estou acostumado a viver.

O Strick continuou a sua caminhada pelas ruas da cidade e reparou que os seus sapatos não sujavam, e ele disse: Se fosse no musseque a esta altura já estaria todo empoeirado e a me sacudir.

O Strick continuou a caminhada cidade a dentro e reparou que as ruas eram limpinhas e a escuridão era afastada pela luz das lâmpadas afixadas nos postes.

E ele pensou consigo mesmo: Nessa altura no meu musseque o que rasga a escuridão da noite são as luzes dos candeeiros sobre as bancadas dos comerciantes.

O Strick notou também que passava um camião, pelas ruas da cidade, com dois homens pendurados, cada um em cada extremidade traseira do veículo, e recolhiam o lixo da cidade e colocavam-no no camião.

E ele lembrou-se que no musseque aonde ele vivia, o lixo ou é enterrado ou é queimado, ou ainda é lançado no lago.

E é neste mesmo lago que deitavam o lixo, que também era retirado a água para o consumo doméstico das famílias no musseque.

Depois de alguns minutos de caminhada, o Strick chegou ao seu destino. Na casa do George, o seu antigo professor coelho que lhe ajudou com a bolsa de estudo.

O George vivia na cidade e como ele tinha prometido ajudar o Strick caso ele conseguisse a bolsa de estudo, esta era a hora do George cumprir a sua promessa.

Como o Strick não tinha família na cidade e não tinha meios financeiros para sustentar o aluguer de uma casa sozinho, então ele aceitou a oferta do George.

Já de frente a casa do antigo professor, o Strick subiu os degraus até a porta e tocou a campainha, e depois esperou alguns segundos e a porta lhe foi aberta.

Do outro lado estava uma linda coelha, altura regular que disse:

— Oi, tudo bem? Tu deves ser o Strick. Prazer em conhecê-lo, eu sou a Camila a esposa do George, nós estávamos mesmo a sua espera.

— Estou muito bem, obrigado. Prazer em conhecê-la também dona Camila. Respondeu o Strick.

— Amor, o Strick chegou, gritou a Camila.

— Já venho, respondeu o George a partir dos fundos da casa.

— Pode entrar Strick e fique a vontade. Disse a Camila.

O Strick entrou e se acomodou na sala, sentou num sofá confortável. Ele notou que era uma casa humilde mas acolhedora, e logo se sentiu em casa.

O George saiu de um corredor que ligava a sala a outros compartimentos da casa e foi ao encontro do Strick.

— Oi Strick, como vai? Como correu a viagem? Perguntou o George.

— Eu estou muito bem graças a Deus e viagem correu bem. Respondeu o Strick.

— Perfeito. Disse o George.

E a seguir, pelo mesmo canal que o George usou, vieram duas crianças a correr em direcção ao George.

— Crianças, esse é o Strick. Strick essas são as crianças, o George jr e a Mila, disse o George.

— O Strick vai ser nosso hóspede aqui em casa por algum tempo, enquanto ele estiver aqui na cidade para se formar, continuou o George.

— Prazer em conhecê-lo e seja bem-vindo Strick, disseram as crianças em uníssono.

— Prazer em conhecê-los também George jr e Mila, respondeu o Strick.

Como já se fazia tarde, o George mostrou o quarto que seria do Strick, e depois do Strick ter terminado de manjar, ele foi se acomodar no seu quarto e se deitou numa cama macia.

E ele pensou consigo mesmo: Se eu estivesse no musseque, a essa hora estaria a dormir no chão, num luando altamente desconfortável.

O Strick dormiu e quando acordou na manhã seguinte, foi tomar banho. E ele deu conta que o banho aí era de chuveiro e não de caneca conforme estava habituado.

E ele lembrou que o banho mais próximo dum banho de chuveiro que ele já teve na vida, foi o banho debaixo duma chuva.

Depois do banho, o Strick se dirigiu a cozinha para comer, e lá ele encontrou a família já preparada e a tomar o pequeno-almoço para a seguir abandonar a casa.

O Strick viu que sobre a mesa havia muita comida, ele ficou admirado porque nunca tinha visto tanta comida assim em toda sua vida. E ainda por cima só para uma refeição.

A Camila convidou o Strick a se sentar a mesa e a tomar o pequeno-almoço.

E como a família já estava prestes a sair de casa, a Camila explicou rapidamente a hora do pequeno-almoço, a hora do almoço e a hora do jantar ao Strick.

Mas o Strick levou um tempinho a mais para assimilar o elevado número de informações que lhe fora transmitido, pois ele estava em conflito interno.

E disse bem baixinho: Mas o esperto não almoça só janta. Pelo menos foi assim que nos ensinaram no musseque.

Depois de tomar o pequeno-almoço a família começou a sair, mas antes de fechar a porta a Camila gritou:

— Strick, se quiseres lanchar tem bolo e refrigerante no frigorífico, esteja a vontade para se servir.

O Strick ficou estupefacto com o que acabara de ouvir, pois ele dentro de si disse: Nós só tomamos refrigerante e comemos bolo nos dias 25 de Dezembro.

O Strick sentado a mesa, a partir da janela da cozinha, ele conseguia ver as crianças a subirem nos transportes escolares para serem levados para a escola.

— Mas nós lá no musseque costumamos ir a pé para escola, pensou ele.

Então o Strick começou a dar conta que no país afinal de contas nem todos tinham as mesmas condições de vida. Uns afinal viviam bem e outros nem por isso.

Naquele mesmo dia de noite quando a família voltou para casa, depois do jantar todos participaram dos trabalhos domésticos, incluindo as crianças e depois todos se sentaram na sala para assistir as notícias.

E o Strick pensou: Eles aqui a noite se reúnem a volta da tv para verem o que se passa pelo o mundo a fora, e nós lá no musseque nos reunimos a volta da fogueira e se contamos histórias e estórias.

No dia seguinte, o George jr. e a Mila perderam o transporte público e o George pediu ao o Strick que fosse deixá-los na escola.

O Strick pegou o endereço e levou as crianças para escola e quando ele chegou na escola das crianças, ele já a distância viu que a escola tinha boas condições.

Quando ele se aproximou, ele notou que a escola tinha um guarda no portão, tinha janela e portas bonitas nas salas de aula, o quadro não era uma pintura preta rectangular na parede, mas sim era um quadro branco e se escrevia com marcador.

Ele pensou consigo mesmo: Eu no musseque já vi muitos professores meus perderem a vida por doenças provocadas pelo pó do giz que eles inalavam quando executavam as suas funções diligentemente.

O Strick notou também que as crianças na escola tinham carteiras e sentavam sozinhas em uma carteira.

E ele lembrou: No musseque as crianças sentam-se em pedras e em latas, e ainda partilham essa pedra ou essa lata dois alunos.

Depois do episódio na escola, o tempo foi passando, e o Strick começou a ver que as diferenças entre a cidade e o musseque só iam aumentando a cada dia que passava.

Depois o Strick começou a estudar, ele era destacado, ele conseguiu fazer amigos na escola.

E algumas vezes dava explicações ao domicílio aos seus colegas de universidade, que maioritariamente eram filhos dos lacraus e dos tubarões.

Um dia o Strick foi convidado por um dos seus colegas da universidade para ir estudar com ele na casa dele.

E o Strick quando chegou na casa do seu colega, deu conta que a casa era protegida por um guarda.

Ele pensou: Nós no musseque quem protege as nossas casas são os animais de estimação, e aqui proteger a casa do outro é um trabalho.

O Strick notou ainda que em casa, o seu colega tinha uma empregada doméstica que fazia todas as tarefas domésticas, e as crianças não faziam e nem sequer sabiam fazer algum trabalho doméstico.

Então ele pensou: No musseque nas casas não existe empregadas domésticas, e os membros das famílias é que fazem os serviços domésticos todos.

O Strick deu conta também que as crianças com idade inferior a 13 não podiam ficar sozinhas em casa, elas tinham uma babá para cuidar deles.

E ele pensou: No musseque uma criança de 12 anos já é responsável, mas aqui uma criança de 12 anos é apenas uma criança e nada mais.

O Strick notou ainda que neste dia os irmãos do seu colega não foram para a escola porque eles não tinham uma mochilas que tinham os super-heróis da marvel.

E ele pensou: No musseque as mochilas são sacos pretos e vai-se para a escola a pé e com fome.

E aqui as crianças não querem ir para a escola só porque não têm uma mochila que tem os super-heróis da marvel estampados nela. Isso é um absurdo, pensou o Strick.

O Strick notou ainda que uma das crianças, para além da desculpa de não ter mochila da marvel, ele também não queria ir para a escola porque não tinha um ténis da nike.

E o Strick pensou: No musseque só temos um calçado para escola e uma chinela para ficar em casa.

— E quando as chinelas rebentassem, a gente remendava com prego vezes sem contas, porque não há dinheiro para comprar um novo par de chinelas.

Quando o Strick foi para a cozinha, ele deu conta que a empregada doméstica, uma jovem ovelha, era do musseque. Então ele disse: Oi, eu sou o Strick e tu?

— Eu sou a Zita, prazer em conhecê-lo. Disse a empregada doméstica.

— Me desculpa, vens do musseque? Perguntou o Strick.

— Sim venho do musseque. Respondeu a Zita

— Ahm, estou a ver, disse o Strick. Gostas do seu trabalho aqui? Perguntou o Strick.

E a Zita respondeu:

— Sim, gosto do que faço, mas este não é a minha paixão, não é o meu sonho.

— Mas como ainda não posso trabalhar no meu sonho, então estou a fazer este trabalho, sabes como é que é a vida no musseque, temos que meter comida em casa.

— Mas o meu sonho é abrir um centro que cuida de crianças (creche) para dar tempo para os pais irem trabalhar tranquilos e os meninos mais velhos terem tempo de se formarem tranquilamente também.

— Tu sabes como é a vida no musseque, os irmãos mais velhos cuidam sempre dos irmãos menores, e isso muitas das vezes divide atenção deles com os estudos.

— E também tenho o sonho de criar um orfanato para receber aquelas crianças que os país não tem condições de criar.

— Eu quero que os animais chegam no nível de não só reprovarem o aborto, mas que acima de tudo possam dizer: Continue com a gravidez, e quando dares a luz, entregue-me criança, eu vou cria-la como meu filho.

— Sei que é proibido sonhar no musseque mas esse é o desejo do meu coração, nem que eu tiver que fazer isso velhinha, eu vou fazer, juro por Deus.

— Eu vou juntar dinheiro para realizar o meu sonho, esse é o jeito que eu encontrei para ajudar os nossos irmãos no musseque. Terminou a Zita.

— Interessante, entendo muito bem o que dizes. Disse o Strick.

— E tu? Tu também pareces vir do musseque, qual é a sua história? Perguntou a Zita.

E o Strick começou a contar:

— Bem eu quando vivia no musseque, eu vivia uma vida tranquila, sem ambições nenhuma, até porque ninguém consegue ter ambições no musseque, aí só se consegue pensar no hoje, tu sabes muito bem disso.

— Nós crescemos com o dizer: O esperto não almoça só janta. Então praticamente nós passávamos os nossos dias com fome. Tu sabes como é a vida no musseque, então não preciso te detalhar.

— Eu até aguentava passar fome mas havia quem não aguentava, havia animais que desmaiavam de fome.

— Eu como não tinha planos para o futuro então não me preocupava muito com a escola.

— Até que um belo dia não tínhamos comida para o jantar e fomos todos dormir com fome.

— Como havia animais que desmaiavam atoa, e como o meu irmão menor estava meio incomodado, então o meu pai a meio da noite acordou para verificar se todos estavam bem.

— E o meu pai deu conta que o meu irmão menor, o Roy, não acordava quando ele foi lhe acordar.

— Preocupados com essa situação, levamos o Roy ao hospital a pé, porque o carro do vizinho que podia nos apoiar estava avariado e na estrada ninguém parou para nos dar boleia.

— Levamos a criança ao hospital as costas e debaixo de uma tempestade e quando chegamos no hospital o médico não queria atender sem pagarmos dinheiro primeiro.

— Então o meu pai foi forçado a fazer um empréstimo que levamos três anos para liquidar na totalidade e demos no médico. E o médico colocou todo o dinheiro no seu bolso.

— E eu verifiquei que os que queriam ajudar não tinham condições, e os que tinham condições, não queriam ajudar.

— E com base nessa experiência dei conta que estava sozinho, e que estava por conta própria.

— Eu dei conta que eu tinha que sair bem para ajudar a minha família, porque se eu não fizesse nada, um dia perderia um ente querido na brincadeira.

— Mas o Roy foi tratado, e eu nesse dia jurei nunca mais passar por uma situação parecida no futuro, então comecei a me dedicar aos estudos.

— Fui um bom aluno, trabalhei duro para conseguir a bolsa de estudo que tenho. Estudei tanto a luz de velas, que até cheguei a provocar um incêndio em casa.

— Hoje estou na cidade a estudar, fui recebido na casa do George, meu antigo professor coelho e ele tem me orientado muito bem.

— E agora estou aqui a falar contigo. Essa é a minha história. Terminou o Strick.

— Uau, emocionante disse a Zita. Espero que consigas realmente ajudar a tua família um dia, concluiu a Zita.

— Eu vou conseguir tirar a minha família da pobreza, por isso é que estou a trabalhar duro nos estudos. Disse convictamente o Strick.

— Eh! Foi uma experiência muito dura! E posso imaginar que depois do hospital vocês ainda tinham que lidar com os estragos causados pela chuva? Perguntou a Zita.

— Sim, a chuva causou muitos estragos. Depois do hospital, tivemos que ir ser solidários com os outros que ficaram sem abrigo e os que perderam alguns bens. Disse o Strick.

— Oh! E vocês não tiveram baixas por provocadas pela chuva? Perguntou a Zita.

— Nós tivemos também alguns danos ligeiro, porque entrou muita água em casa e ninguém estava presente para ir tirando a água enquanto a chuva caía. Respondeu o Strick.

— Olha que normalmente quando chove daquele jeito é sempre fatal, há sempre vítimas mortais, mas nesse dia os estragos foram apenas matérias e nada mais. Concluiu o Strick.

— Graças á Deus, pelo menos o pior não aconteceu. Disse a Zita.

— Mas, me diz algo, vocês foram atendidos logo no primeiro hospital em que se dirigiram? Perguntou a Zita.

— Sim, fomos atendidos logo no primeiro hospital em que fomos. Respondeu o Strick.

— Oh! Vocês tiveram muita sorte em serem atendidos logo no primeiro hospital. Porque uns são atendidos na 3º, 4º ou mesmo 5º tentativa (hospital). Disse a Zita.

— Sim isso é verdade, eu já tive essa experiência no passado com um vizinho. Mas graças a Deus no nosso caso não tivemos estes problemas. Disse o Strick.

— Muito bom, porque há uns que de tanto saltarem de hospital em hospital acabam sendo recebidos no hospital só já na condição de defunto. Disse a Zita.

— Sim, tenho conhecimento deste facto, até porque este é o prato do dia aí no musseque. Disse o Strick.

— Mas eu aprendi com as experiências dos outros, que me diziam que nesses caso o melhor era se dirigir direito para um hospital grande. Concluiu o Strick.

— Sim, tens toda razão, é mesmo assim. Confirmou a Zita.

— Já presencie muita gente querida falecer a meio do caminho do hospital, não podia suportar ver isso acontecer com o meu irmão. Disse o Strick.

— Que bom que tudo correu bem. Foi um prazer em conhecê-lo, chegou a minha hora de ir para casa, ate mais. Disse a Zita.

— Também foi um prazer conhecê-la. Até mais. Disse o Strick.

Depois desse dia na casa do amigo, o tempo foi passando e o Strick continuou a notar as diferenças entre a cidade e o musseque, e começou a fortalecer a ideia de que na verdade não há igualdade no país Zeta.

Num belo sábado, os colegas de universidade do Strick o convidaram para uma partida de futebol.

Ele aceitou o convite apenas por cordialidade, porque na verdade ele não tinha disposição para sair de casa naquele dia.

Quando o Strick chegou no campo, ele deu conta que o campo era bonito e estava em condições.

Ele deu conta que os jogadores tinham equipamentos, tinham boas chuteiras e a bola era idêntica àquelas usadas pelos profissionais do futebol.

E ele pensou: No musseque a gente joga descalço, com bola feito de meia, os animais jogam no meio da rua e quando estiver a passar um carro, remove-se as balizas para deixar o carro passar e depois volta-se a colocar as balizas no sítio depois do carro passar.

Mas apesar dos seus colegas terem todas as condições, ele deu conta que no campo os jogadores eram péssimos, praticamente não sabiam jogar.

O Strick teve que pegar um equipamento emprestado e entrar em campo pois ele já não aguentava ver tamanha falta de futebol em campo.

Tinha uma jogada em que o Strick saiu do meio campo a fintar e quando fez o remate colocado a bola bateu na trave, e o guarda-redes já estava no chão.

Na recarga, o colega de equipa do Strick, isolado na pequena área com as redes da baliza e a bola no pé, ele fez o impossível, rematou a bola para fora do campo.

E o Strick pensou: Eu no musseque era um jogador normal, mas no meio dessa gente estou a me sentir um fenômeno.

Depois do jogo terminar, eles foram tomar banho de piscina.

E o Strick pensou: No musseque a gente toma banho no lago, e é nesse mesmo lago aonde também deitam os resíduos sólidos e para piorar, a água que a gente consome também sai deste mesmo lago.

O tempo foi passando e numa noite estavam todos reunidos em casa a assistir tv. Na tv estava a passar notícias de violência de outros países do universo União.

— Há muita violência nesses países, eu nunca vou ir para estes países, nós aqui estamos bem, nós somos o melhor país do universo União. Disse o Strick

— E George lhe disse: Tu só achas que esses países são violentos porque te mostram toda realidade, e achas que o nosso país é melhor porque é isso que eles querem que você acredite.

— Tu só achas que aqui no país Zeta não há violência porque a mídia esconde as informações de violência e não te mostram tudo que se passa nesse país. Continuou o George.

O Strick admitiu que ponto de vista do George estava certo. Se bem que não conseguia entender completamente.

— O conselho que eu costumo dar aos animais é para irem dar uma volta noutros países também, porque este acto vai proporcionar uma experiência muito reveladora. Acrescentou o George.

— O meu sonho é um dia ajudar os animais a concretizarem o sonho de ir visitar terras estrangeiras. Mesmo tu também Strick quando tiveres condições viaja, vai te ajudar muito. O George concluiu.

O Strick continuava a não entender o ponto de vista do George, mas continuava acreditar que o George sabia do que estava a falar.

Dias foram passando, e um dia o Strick tinha uma curiosidade.

George, eu vejo na casa dos meus colegas de universidade têm empregadas domésticas, e porquê que aqui em casa não tem uma? Perguntou o Strick.

Mas o Strick já estava a imaginar que o George ia responder que não tem uma empregada doméstica por ele ser um pão duro.

— Eu passei a minha infância e juventude no musseque e estou passando a minha vida adulta aqui na cidade, logo conheço bem os dois mundos. Respondeu o George.

— E eu quero que os meus filhos tenham o melhor dos dois mundos. Quero que eles pegam o melhor da cidade e também quero que eles pegam o melhor do musseque. Continuou o George.

— E o que pode vir de bom do musseque, se aí só passamos a fome? Perguntou o Strick.

E o George respondeu:

— Para começar tu tens mais maturidade que os teus colegas da universidade, certo?

— Certo, respondeu o Strick.

— Tu entendes o sofrimento dos teus irmãos e amigos que ficaram no musseque, certo?

— Sim, certo. Respondeu o Strick.

— De tanto a vida ser difícil aprendeste a se virar muito cedo sozinho, certo?

— Sim, certo. Respondeu o Strick.

— Os teus colegas não se preocupam com os do musseque porque eles não passam pelo que os do musseque passam.

— Meu rapaz, não se ganha maturidade quando se tem muitas facilidades.

— No teu caso particular, o que te fez crescer rápido e ganhar maturidade foi o sofrimento a que estiveste exposto aí no musseque.

— O que te faz entender o sofrimento dos seus irmãos e amigos que ficaram no musseque é porque tu passaste pelo mesmo que eles estão passando agora.

— Os meus filhos com a vida só da cidade vão ser fracos, e não vão entender o sofrimento do seu próximo porque aqui há muita facilidade.

— Por isso é que eu coloco um pouco de dificuldade na vida de meus filhos, tipo ajudar com trabalhos domésticos, lhes atribuir algumas responsabilidades e etc.

— E algumas vezes quando eu posso, lhes levo no musseque para fazerem alguns trabalhos comunitários

— Assim eles vão indo conhecendo um pouco da realidade do musseque e começam a entender o quê que os que vivem lá passam.

— Então quero que os meus filhos pegam a inteligência das escolas da cidade e a responsabilidade da educação do musseque.

— E penso em levar os meus filhos num nível mais alto de responsabilidade, pondo sob suas responsabilidades um bicho de estimação e uma planta para cuidarem.

— Meu rapaz, ser mais velho não se vê na idade, ser mais velho se vê na maturidade e responsabilidade de cada um.

— Idade é apenas número, e não diz nada sobre o possuidor.

O Strick entendeu perfeitamente a explicação dada pelo George, porque agora ele também conhecia a realidade dos dois mundos.

Mas o Strick ainda não entendia porque que os filhos dos tubarões e dos lacraus mesmo não sendo inteligentes, ainda assim eram muito visionários.

Ele não entendia esse fenómeno ainda, mas viria a entender perfeitamente mais tarde como esse fenómeno era possível.

Depois desse momento, passados alguns dias o Strick foi convidado para uma festa de aniversário na casa de um dos seus colegas de universidade.

Quando o Strick chegou no local da festa, ele encontrou uma festa grande com um ambiente muito bonito e bem decorado.

E ele pensou consigo mesmo: Nós no musseque ninguém se lembra da tua data de aniversário, muito menos te dão festa grande e com presentes e tudo.

O aniversariante ganhou uma bicicleta como presente.

E o Strick pensou: O mais próximo de uma bicicleta que nós podemos ter lá no musseque é uma trotinete de madeira.

O aniversariante foi experimentar a sua bicicleta, como não sabia conduzir, foi levado pela rua abaixo pelas leis da física e só parou quando ele se desequilibrou da bicicleta e caiu no asfalto.

O rapaz foi levado de imediato ao hospital. O Strick foi acompanhar para dar força ao seu amigo.

Posto no hospital, o Strick deu conta que o hospital estava equipado com equipamentos e tecnologia de ponta e de última geração.

E o Strick também deu conta que a criança foi atendida sem o médico pedir uma entrada (isto fez-lhe lembrar da experiência com o médico raposa).

E as contas todas relacionadas com o tratamento do rapaz no hospital foram pagas com um cartão de saúde.

Pois os lacraus, os tubarões e as suas famílias tinham cartões de saúde que eram pagos com o dinheiro público.

E mais tarde o Strick deu conta que esse mesmo grupo também tinha cartões pagos com o dinheiro público que lhes permitia fazer compras nos supermercados.

E aí o Strick pensou que no musseque, o prato do dia era todo mundo passar fome o dia todo e todos os dias.

Mais tarde o rapaz que foi levado ao hospital teve alta algumas horas depois porque ele tinha apenas alguns arranhões leve.

E o Strick pensou: Se fosse um rapaz do musseque a cair dessa bicicleta, ele apenas ia se levantar depois da queda, ia se sacudir e continuaria a domar a sua bicicleta e esse pânico todo não existiria.

Depois do episódio da bicicleta, os dias foram passando, as semanas foram passando, os meses foram passando, e por fim os 4 anos de formação para o Strick também passou e ele tinha conseguido se formar com distinção.

Nos quatro anos de formação do Strick na cidade, ele aprendeu muito sobre o seu próprio país e chegou a conclusão que era ilusório ter em mente a ideia de que todos no país Zeta eram iguais e que todos viviam as mesmas dificuldades.

O Strick deu conta que os que viviam mal estavam apenas no musseque. E esta descoberta lhe fez rever os seus conceitos (passou a ver as coisas de uma outra forma).

O Strick deu conta também que os que saiam do musseque para cidade era apenas para trabalhar.

Logo os do musseque eram os que aguentavam a economia da cidade e a economia do próprio país, mas os do musseque viviam na pobreza extremamente.

Então o Strick começou a ponderar em fazer alguma coisa que pudesse ajudar os do musseque, tal como aquela empregada doméstica também sonhava.

Mas o Strick não sabia o quê fazer e nem como fazer para ajudar os seus irmão que viviam no musseque.

O Strick tinha 22 anos de idade quando terminou a sua formação.

CAPÍTULO III - A PROCURA DE UM EMPREGO

O Strick terminou a sua formação com sucesso na área de Gestão de Empresas, e agora tinha chegado a hora de ele procurar um emprego.

Mas quando o Strick foi para o mercado de trabalho, ele deu conta que para conseguir um emprego não era tao fácil como ele pensava.

Para conseguir um emprego no país Zeta era uma tarefa difícil tanto para quem não se formou bem como também para quem se formou.

Tudo isso porque existia uma rede de animais que interceptavam as informações sobre vagas de trabalho.

Antes das vagas de trabalho serem tornadas públicas, primeiro a informação girava no meio desse grupo restrito.

E as vagas de emprego eram preenchidas, pelos contactos desse grupo restrito de animais, antes mesmo de serem tornadas públicas.

E as vagas de trabalho que eram tornadas públicas eram apenas aquelas vagas que não era do interesse dos contactos desse grupo restrito de animais.

A realidade no país Zeta era que, quem quisesse conseguir um emprego, este animal tinha que ter influências.

Mas o Strick não tinha nenhuma influência e para piorar ele vinha do musseque, e por isso para ele conseguir um emprego não estava a ser uma tarefa fácil.

E sem um emprego o Strick já estava a começar a ficar frustrado, porque não estava a conseguir ver como ia cumprir a sua promessa de ajudar a sua família.

O George vendo a aflição do Strick, lembrou que tinha um contacto, um antigo aluno seu que lhe tinha dito que tinha vagas para o exército, na área de logística.

O George falou com o Strick, e pese embora não ser o emprego dos seus sonhos, o Strick aceitou ir se candidatar, pelo menos seria melhor do que ficar sem emprego.

O Strick foi seleccionado para fazer os testes, fez os testes todos e passou também em todos eles.

Mas na hora de irem para o treinamento, o seu nome não constava da lista e levaram outros candidatos que nem participaram do concurso. E ele ficou para trás.

O Strick ficou muito triste com o ocorrido. Mas o que ele não sabia é que no país Zeta esta era a realidade nua e crua para aqueles que não tinham influências.

O George vendo o desânimo do jovem Strick, lhe disse:

— Meu rapaz, cresça, a vida não é um bolinho. Ainda vais levar muitas pancadas nessa vida meu rapaz, então não podes levar K.O. logo no primeiro round.

Pese embora serem palavras duras aquelas proferidas pelo George, elas levantaram a moral do Strick, e ele de seguida levantou a cabeça e começou a procurar de novo por um emprego.

E essa busca por emprego surtiu um resultado positivo, porque não demorou muito tempo e o Strick foi chamado para fazer os testes numa boa companhia.

A companhia era a empresa ZZZ, uma das líderes no mercado consultoria. O Strick foi lá, fez os testes, passou em todos e foi admitido.

Na empresa ZZZ o Strick teria uma posição de chefia. E com esta realidade o Strick começou a ver que a vida estava a lhe sorrir.

O Strick ocuparia uma posição de chefia por ser formado. E com isso Strick disse: Agora vou poder ajudar a minha família.

Depois o Strick começou a trabalhar e realmente conseguiu começar ajudar a sua família financeiramente, começando assim a cumprir a sua promessa.

Mas no serviço, ele encontrou uma realidade que ele desconhecia até começar a trabalhar. Uma realidade de intrigas, inveja, luta de poderes, de traição e de bajulação.

O Strick estava rodeado de colegas camaleões. Estes normalmente tinham duas faces, a frente era teu amigo mas por trás te falava mal.

E o Strick também estava rodeado de colegas ratos. Estes te mordiam e te sopravam para não dares conta que está a te roer. Eles eram altamente fofoqueiros.

E quando os colegas não eram camaleões ou ratos, eles tinha o espirito de um dos dois, ou mesmo o espirito dos dois (te bajulavam a frente e te falavam mal atrás).

Então o ambiente que o Strick encontrou no serviço foi que, não existe amigo no local de trabalho, porque este amigo é o mesmo que te apunhalava pelas costas.

Para o Strick isto tudo era muita carga, pois ele não sabia como lidar com isso, porque na escola não lhe prepararam para essa realidade.

E no musseque de onde ele veio, estes sentimentos não existem porque alí todos eram irmão a lutarem pela sobrevivência e não havia espaço para competições.

O Strick era apenas um jovem que ainda não tinha muita experiência de vida, nem muita experiência profissional para lidar com essa situação.

E também ainda era muito ingénuo para entender porquê que os animais estavam a se comportar daquele modo. Mas ele no futuro depois iria entender perfeitamente.

O Strick foi traído pelos seus colaboradores mais próximos, que fizeram falsas acusações sobre ele ao dono da empresa, e o dono da empresa lhe expulsou.

O dono da empresa nem mesmo se deu ao trabalho de fazer uma acareação para averiguar a veracidade das informações que lhe passaram.

O Strick não estava a entender nada porque os que provocaram tal situação não tinham nada a ganhar, pois nenhum deles iria ocupar o cargo que ele deixou.

Para ocupar o antigo cargo do Strick foram recrutar mais um outro funcionário no mercado de trabalho, fora da empresa.

O Strick voltou a ficar triste com a dura realidade. E ficou mais triste ainda por saber que na sua vida e na da sua família não houve progressos significativos.

Tal sucedeu porque eles foram simplistamente esbanjando o dinheiro porque sabiam que teriam mais no mês seguinte.

E com essa lógica não pensaram na possibilidade de que no futuro poderiam perder a fonte de rendimento, e foi o que aconteceu, perderam a fonte de renda.

O George vendo que o Strick estava cabisbaixo, perguntou: Recebeste mais uma pancada na vida, meu jovem rapaz?

— Sim. Mas não entendo porquê que eles me traíram, eles eram os meus colaboradores mais próximos. Disse o Strick.

— Por eles serem os teus colaboradores mais próximos, tu nunca desconfiaste deles, tu confiaste neles cegamente, e é o natural a acontecer. Respondeu o George.

— Normalmente nós baixamos a guarda para aqueles que são próximos a nós e desconfiamos daqueles que não estão no nosso círculo de confiança, continuou o George.

— Logo, é mais fácil ser aquele em quem você confia a te trair, do que ser aquele em quem você não confia te trair. Disse o George.

— Porque nós nos protegemos daqueles em quem desconfiamos e não daqueles em quem nós confiamos. Concluiu o George.

— Ahm, estou a ver, agora entendi. Disse o Strick.

Mas o Strick ainda estava intrigado porque parecia que ser honesto era algo vergonhoso. Mas o George lhe aconselhou a continuar ser honesto dizendo:

— Tu podes pensar que ninguém te presta atenção, podes pensar que ninguém está te vendo, podes pensar que não estás influenciando ninguém.

— Mas na verdade há alguém que está te vendo e te apreciando nos bastidores, há alguém que está a ser influenciado mesmo sem te aperceberes disso.

O Strick depois de ouvir isso lembrou-se da conclusão que ele chegou naquela noite de chuva no hospital, e voltou a ficar motivado para continuar.

Então ele levantou a cabeça, refez o currículo, tirou a experiência negativa da empresa em que foi demitido e voltou a distribuir o currículo para as empresas.

Não demorou muito tempo e o Strick conseguiu arranjar um outro emprego na empresa A&Z. O salário era muito inferior em relação ao salário do seu último emprego.

A posição também era muito inferior em relação a última posição por ele ocupada. Mas mesmo assim ele aceitou o emprego para poder ganhar experiência.

A empresa A&Z era uma empresa do ramo imobiliário e ele trabalhava como secretário executivo.

O Strick estava a se sair bem no seu novo emprego, mas ele sentia que o seu chamado não era trabalhar aí. Ele sentia que o seu chamado era servir o povo e a nação.

Então ele se desligou da empresa A&Z amigavelmente. Até lhe propuseram um aumento de salário e uma posição melhor, mas ele recusou. Pois não era o chamado dele trabalhar aí.

Trabalhando para a empresa A&Z, o Strick reparou num facto curioso. É que desta vez ganhando pouco dinheiro ele conseguiu ter mais conquistas.

A única coisa que mudou no seu estilo de vida foi que ele tornou—se mais disciplinado e responsável com o dinheiro.

Então isso lhe fez concluir que a causa do seu fraco progresso na vida quando ele ganhava muito dinheiro era a falta de disciplina para lhe dar com as finanças.

Então o Strick pensou, se eu consegui resolver esse meu problema com o dinheiro então a minha família também pode resolver esse problema.

Aí o Strick surgiu com a seguinte ideia sobre ajuda:

Se queres ajudar o outro, ajuda-te a ti mesmo primeiro e depois é que vai ajudar o outro. Se queres mudar o mundo, mude a ti mesmo primeiro e depois vai mudar o mundo.

Ele surgiu com esse lema porque ele deu conta que se fazia o inverso.

Alguém que tem muitos problemas ele mesmo, em vez de resolver os seus próprios problemas, ele se engaja em dar palpites de como os outros podem resolver os problemas deles.

Então como o Strick conseguiu superar os seus problemas financeiros, agora ele estava em altura de poder ajudar a sua família também a superar os seus próprios problemas financeiros eles mesmos.

O jovem Strick agora estava com 25 anos de idade.

CAPÍTULO IV - O EMPREGO NA POLÍCIA

Depois do Strick se desligar da empresa A&Z, ele conseguiu um emprego na polícia nacional do país Zeta. Aonde ele começou a trabalhar do zero até ocupar um cargo de chefia.

Antes do Strick conseguir o cargo de chefia, ele tinha um bom chefe, um coelho, que lhe ensinou a trabalhar com princípios e com rectidão.

O Strick trabalhou 5 anos com esse chefe coelho. Até este chefe se aposentar antecipadamente na idade dos 50 anos, quando subiu um novo ministro da polícia, um sanguessuga.

Mas o ex-chefe do Strick lhe deixou com experiência suficiente para poder ser promovido a Inspector Chefe da polícia.

E o último conselho que o Strick recebeu do seu antigo chefe coelho, foi: Fique atento, porque há muita gente a querer fazer maldade aos outros mesmo a troco de nada.

O Strick entendeu muito bem este conselho, pois ele já havia sido vítima de uma cabala no passado. Logo foi fácil para ele entender o ponto do seu ex-chefe.

E não demorou muito e o Strick recebeu a notícia de que foi promovido a Inspector Chefe da polícia.

E aí ele lembrou-se do conselho que o George havia lhe dado sobre ser honesto, pois o que George havia lhe falado estava a se concretizar.

Depois de trabalhar arduamente com o seu antigo chefe coelho, o seu esforço foi reconhecido e ele foi promovido ao cargo de Inspector Chefe.

Mas mesmo assim ele ainda não estava confiante de si mesmo, ele estava com algumas reticências, pensando que não era capaz, e o George lhe disse:

— Mentalize que tu não és forte porque entraste na universidade, tu entraste na universidade porque és forte, não esqueça disso.

— Noutras palavras, a universidade não te fez forte, porque tu já eras forte antes de entrar nela. A universidade apenas te ensinou a fazer as coisas de forma científica.

— Com isso quero te dizer que não estão a te promover a esse cargo de chefia como um acto de caridade para contigo, estão a te promover porque viram que tu és promissor.

Com essas palavras, o Strick ficou mais motivado para aceitar o desafio de ser responsável numa equipa. Mas antes de ele começar a trabalhar ele decidiu tirar férias.

Nas férias, o Strick fez uma turné por outros países do universo União, nomeadamente os países Zera, Zeda, Zeba, Zeva, Zega e Zepa. E ele ficou assutado com a realidade que viu nestes países.

O Strick não esperava ver tantos avanços tanto quanto ele viu nesses países. Porque ele sempre pensou que o país Zeta era o melhor país do universo União.

Com essa viagem ele ficou muito triste porque acabou descobrindo que o mundo afinal não era de tal forma como aquele que lhe era apresentado pela mídia do seu país.

Ele deu conta que a imagem do mundo exterior que lhe passavam a partir do seu país era uma imagem distorcida e distante da realidade.

Ele descobriu que nesses países havia paz, liberdade, justiça e igualdade. Não havia fome e havia saúde para todo mundo.

Os governantes nesses países não faziam negócio e se focavam no seu verdadeiro trabalho que é garantir saúde, educação e segurança para os seus povos.

Os governantes nesses países garantiam que houvesse boas estradas, redes de comunicação a funcionar e redes de esgotos em boas condições de funcionamento.

O Strick viu auto estradas em cima do mar, viu túnel debaixo do mar, viu túnel debaixo das cidades.

Mas na sua terra natal lhe fizeram acreditar que colocar estrada sob e sobre o mar era uma missão impossível.

O Strick também viu nesses países prédios a arranharem o céu, mas no seu país de origem o prédio mais alto tinha apenas 4 andares.

Ele deu conta também que nesses países cada canto das cidades tinham uma história a contar, e todo povo conhecia a história dos seus antepassados.

Tanto as histórias de se orgulhar tanto as histórias de se envergonhar, todo mundo conhecia essas histórias.

Mas não era problema nenhum conhecer as partes mais negras da história dos seus antepassados porque houve reconciliação com o passado.

O Strick percebeu também que enquanto dentro do país Zeta passam a imagem de que eles são os maiores, os que estão de fora têm a imagem que o país Zeta é o pior sítio para se viver no universo União.

Ele deu conta que os governantes do país Zeta matavam o desenvolvimento do país porque não apostavam em infra-estruturas (boas estradas, boas redes de esgoto, bom sistema de iluminação, bom sistema de telecomunicações e etc.)

Com essa viagem o Strick se lembrou que o George havia lhe aconselhado para viajar um dia para outros países do universo.

Ele agora percebeu que o George disse aquilo porque ele já sabia que essa experiência faz as vistas de qualquer se abrirem.

O Strick também começou a entender porquê que os filhos dos tubarões e dos lacraus pareciam ser visionários, porque na verdade eles não eram visionários coisa nenhuma.

Porque o que acontecia é que eles desde muito cedo, ainda na tenra idade, já tinham contacto com as realidades avançadas desses países, porque era nesses sítios aonde eles passavam as férias.

Como a realidade desses países eram avançadas, quando os filhos dos lacraus e tubarões voltavam para o país Zeta (que é menos avançado), eles tinham boas ideias porque eles estavam simplesmente a copiar o que já viram a funcionar no país dos outros.

O que foi a gota d'água para o Strick foi ele ter descoberto que esses países que estavam evoluídos, quase que não tinham recursos naturais.

E que o país Zeta era o país que tinha mais recursos naturais dentre todos mas em contrapartida era o país menos evoluído.

Então o Strick quando voltou dessa experiência com os outros países do universo União, ele já não voltou a mesma criatura, ele voltou mudado.

E ele voltou com a convicção de que no seu país não havia justiça e que no seu país no fundo não tinha os requisitos mínimos para se viver uma vida tranquila.

Foi aí que o Strick começou a perceber que no seu país estavam a viver abaixo dos seus privilégios e que deveria fazer alguma coisa a respeito.

O Strick agora já não só queria ajudar a sua família, já não só queria ajudar os do musseque, ele agora queria ajudar o país todo.

E então ele comprometeu-se a fazer alguma coisa a respeito, tal como aquela empregada doméstica havia se comprometido.

O jovem Strick agora estava com 30 anos de idade.

O Strick quando voltou para o seu país detectou que os lacraus faziam gestão danosa dos bens públicos e os tubarões desviavam o erário público.

Ele deu conta que quando os governantes são empresários, estes deixavam de fazer os seus trabalhos, que é essencialmente garantir o bem-estar do povo.

E quando os dirigentes deixavam de cumprir os seus deveres, aí surgia a corrupção, entrava a pobreza e criava-se as burocracias para facilitar a corrupção.

O Strick notou ainda que os dirigentes não davam relatórios de suas operações a ninguém, e por este motivo os desfalques eram obscenamente pornográficos.

Então o Strick decidiu se engajar em levar no tribunal de contas todos os lacraus para prestarem contas das suas más gestão do bem público.

Porque os lacraus eram gestores públicos mas também eram empresários, e davam mais atenção às suas empresas privadas.

E se tivessem que escolher entre falir a empresa do estado ou as empresas deles, eles sempre preferiam falir as empresas do estado e manter as suas próprias empresas.

O Strick também levava os tubarões ao tribunal sob a acusação de assassinatos, pois estes desviavam dinheiro público, dinheiro que podia servir para salvar vidas.

Os tubarões eram altamente corruptos, que quando subiam nos cargos a primeira coisa que queriam aprender era saber como desviar fundos públicos para as suas contas privadas.

O Strick acusava de assassinos tanto os lacraus tanto os tubarões, porque desviavam verbas destinadas para as escolas, para as estradas, para os hospitais e etc.

Os animais morriam nos hospitais por doenças que poderiam ser evitadas, e tal acontecia porque as verbas destinadas para o hospital não chegava ao destino, era desviado no percurso.

Os animais viviam mas não tinham sonhos, porque os seus sonhos morriam quando desviavam as verbas que eram destinadas para lhes garantir uma formação de qualidade, e quando desviavam verbas para desenvolver o país Zeta.

Os animais morriam nas estradas por estas não estarem em boas condições físicas e de iluminação, pois as verbas para as reparações eram desviados para as contas privadas dos dirigentes.

Logo, tanto os lacraus como os tubarões eram todos assassinos. Tanto no sentido literal bem como no sentido figurado (assassinos de sonhos, os animais já não conseguiam visualizar um amanhã melhor).

Mas a medida que o Strick ia fazendo o combate contra os lacraus e os tubarões, ele deu conta que o esquema era muito maior do que ele pensava.

Afinal de contas até os fazedores de leis, os macacos velhos, trabalhavam em colaboração directa com os lacraus e os tubarões. Pois na verdade todos comiam na palma da mesma mão.

Os macacos velhos grudavam nos lacraus e os tubarões, pois estes dois últimos eram as fontes deles de rendimento extra. Visto que os macacos velhos não manejam dinheiro mas esses dois parceiros sim.

Então o Strick descobriu que as leis que eram suposto proteger o povo, na verdade protegia os infractores (lacraus, tubarões, macaco velho e etc.).

O novo ministro da polícia, o sanguessuga, não gostava do Strick porque não foi proposta dele para lhe promover a inspector Chefe e também porque o Strick não fazia parte da quadrilha dele.

Porque dentro da quadrilha do sanguessuga era suposto que cada chefe de equipe se engajasse em actos ilícitos e depois levar ao sanguessuga a porção a ele corresponde.

Então, era por isso que os infractores não eram punidos mas sim protegidos quando praticavam actos ilícitos. Mas o Strick não aceitava fazer parte da quadrilha.

E para piorar ainda mais, o Strick queria mudar o sistema fazendo algumas reformas. Mas essas reformas não estavam a agradar ao sanguessuga e este lhe baixou de posição.

O ministro sanguessuga mandou o Strick para ir trabalhar no presídio, pelo menos aí já não ia perseguir ninguém, pensou o ministro.

Quando o Strick começou a trabalhar na cadeia, ele deu uma volta na prisão para se familiarizar com o seu novo local de trabalho e ele ficou muito admirado com a realidade que viu, era uma realidade muito assustadora.

Ele reparou que os que estavam presos e em condições desumanas, eram maioritariamente animais que vinham do musseque. Estes reclusos de tão desnutridos que estavam, só se via neles pele e ossos.

E muitos destes reclusos que estavam presos, assumiram os seus crimes depois de uma sessão de torturas físicas e psicológicas e lavagem cerebral para assumirem os crimes.

O Strick viu que as celas eram escuras, abafadas, o chão era de betão e estava sempre molhado. Os prisioneiros dormiam no chão molhado e frio.

Havia muita super lotação, os reclusos faziam as refeições na cela, faziam as necessidades fisiológicas na cela, e só tinham um pequeno buraco na parede para poder entrar ar.

As condições eram tão desumanas que mesmo a partir da porta das celas o Strick não conseguia manter o fluxo respiratório ao ritmo normal.

E ele ficou admirado como alguém conseguia viver naquelas condições, pois até mesmo os animais de estimação viviam em melhores condições.

Nesta caminhada o Strick muitas vezes tinha que virar a cabeça para o outro lado para poder limpar as lágrimas no canto do olho, e fazia—o de forma discreta para não chamar atenção dos seus acompanhantes.

O Strick não aguentava mais ver aquela situação e gota d'água foi quando ele deu conta que não havia hospital na prisão, nem nas proximidades.

Quando o Strick se meteu a reflectir do porquê desta realidade, ele deu conta que essas condições eram mesmo intencionais para que os reclusos morressem e assim os dirigentes se livravam da superlotação.

E se livrando da superlotação teriam mais dinheiro para colocar nos seus bolsos em vez de gastar com a alimentação e a saúde dos presidiários.

Depois do Strick dar a volta a prisão, ele decidiu rever os processos dos presidiários e verificou que havia muita gente presa com infracções passivas de multa ou trabalho comunitário.

Então os que tinham que pagar multa, criou-se condições e pagaram as multas e foram libertos e outros fizeram trabalhos comunitários e forma libertos.

Assim o Strick conseguiu se livrar da superlotação e ter mais verbas para fazer as suas reformas, não era muito mas já era qualquer coisa.

O Strick deu conta que na cadeia tinha muita gente com força para trabalhar. Então ele criou um sistema em que os reclusos pudessem trabalhar e também se formar.

O sistema funcionou, os presos começaram trabalhar dentro da cadeia e a cadeia se tornou auto-suficiente, e passou a haver mais verbas as reformas.

Os presos tinham uma profissão, e também estudavam para lhes preparar para a vida fora das prisões.

As reformas estavam a surtir efeitos, mas o ministro não estava a gostar delas porque as ideias não eram dele e também porque o Strick não dependia dele.

O ministro sanguessuga gostava que todo mundo tinha que lhe adorar como se de um deus se tratasse, e o lucro do bom trabalho tinha que ser sempre atribuído a ele.

Mas o Strick tinha iniciativa, mas o sanguessuga não gostava dos que tinham iniciativa, e para piorar o ministro continuava a não receber dinheiro por parte do Strick.

Então o ministro baixou mais uma vez o Strick. Desta vez lhe mandou para ir trabalhar numa esquadra no musseque.

Mas isso não foi problema para o Strick, porque ele tinha algo em mente, que era ajudar o seu país, e ele faria isso em qualquer sítio que lhe colocassem.

O Strick já tinha a experiência da prisão, de que o elo mais fraco eram os do musseque, eram eles praticamente que enchiam as prisões.

Então, trabalhando na esquadra, o Strick teve a brilhante ideia de que devia fazer algo para evitar que a juventude do musseque fosse parar na prisão.

E a única solução que lhe ocorreu foi ir atrás da população e lhes ensinar como se comportar, como evitar comportamentos desviantes que levam a prisão.

Então ele começou a sensibilizar o povo, quando iam para esquadra o Strick aconselhava os envolvidos a se entenderem e o assunto ficava resolvido.

Começou a sensibilizar o musseque todo, lhes mostrando os seus deveres e os deveres da polícia, e que os dois poderiam trabalhar juntos para um bem comum.

E ensinou o seu staff, os membros da sua equipe a conduzir investigações com base em evidências, deixar as testemunhas para o último caso.

Porque por experiência própria ele sabia que existiam muitas criaturas que levam outros presos com falsas acusações.

Ensinou o seu staff a fazer investigações sem ouvir as testemunhas, porque ele deu conta que muitas vezes elas mentiam.

Porque o espírito maquiavélico já corria no sangue dos animais, já se traíam por promessas pequenas, promessas bem pequenas mesmo.

Esta técnica estava a resultar, e o povo estava a começar a confiar na polícia. Os polícias já inspiravam segurança ao povo.

E com essa dinâmica iam para cadeia os que realmente eram uma ameaça para a segurança da vida em sociedade.

Mas de novo essas mudanças não estavam a agradar o ministro sanguessuga, para ele isto era a gota d'água, então o ministro convocou o Strick.

— Nós somos adultos, vamos ser directos. Disse o ministro sanguessuga. – Eu não gosto de ti, você não faz parte da minha quadrilha.

— Então, se não queres perder o teu emprego, comece a me trazer dinheiro. Continuou o ministro sanguessuga.

— Não posso fazer isso chefe, respondeu o Strick, isto é contra os meus princípios.

— Então se não queres vou ter que te despedir, tal como fiz com o teu antigo chefe coelho, porque tu não me dás dinheiro e ainda por cima me dás muita dor de cabeça. Disse o ministro sanguessuga.

— Se não há outra solução, então prefiro ser despedido, respondeu o Strick.

Então o ministro sanguessuga com muita raiva por causa da posição do Strick, lhe colocou fora da corporação, num acto altamente pessoal e egoísta.

— Quando você pensa que já estás no fundo do posso, continuas a cair ainda mais. Falou baixinho o Strick.

Depois desse episódio o Strick deu conta que os animais sabiam o que era o certo mas preferiam fazer o que é errado, ou por dinheiro ou para agradar o chefe.

O Strick também entendeu que o seu antigo chefe não foi para reforma antecipada mas sim uma reforma forçada porque ele não queria fazer o que era errado.

O Strick ficou mal com a saída da corporação, pois já não sabia mais o que fazer, parecia que a sua vida acabou, afinal este era o seu chamado, servir o povo.

Como o Strick estava mesmo sem emprego, então ele decidiu ir visitar o seu antigo chefe coelho em sua casa.

— Meu jovem Strick como vai? Perguntou o antigo chefe coelho.

— As coisas não vão muito bem do meu lado, já não faço parte da corporação. Disse o Strick.

— Oh! Isso é mau meu jovem. Disse o antigo chefe.

— De facto, o meu sonho de fazer alguma coisa pelo país foi por água abaixo agora que já não faço parte da corporação. Disse o Strick.

— Neste sistema meu filho, se você entrar nele com o objectivo muda-lo, ele (o sistema) é quem vai te mudar. Disse o ex-chefe.

— E se não queres ser mudado pelo sistema, então tens que sair dele. Logo, fora do sistema estás em melhor posição para mudar o sistema. Continuou o antigo chefe.

— Mas como eu posso fazer isso? As leis deles estão a lhes proteger? Perguntou o Strick.

— Tu vais arranjar um jeito, eu dei a proposta para a tua nomeação porque vi que tu eras promissor, que tu podes fazer coisas grandes. Respondeu o antigo chefe.

— Tu és uma águia, e as águias voam muito alto, eles não voam baixinho que nem as galinhas. As respostas estão dentro de ti. Continuou o antigo chefe.

— Ahm, muito obrigado pelas suas palavras de conforto, disse o Strick.

Então o Strick saiu da casa do seu antigo chefe mais motivado, tentando pensar no quê fazer e como fazer para continuar a sua luta.

O jovem Strick estava agora com 35 anos de idade.

CAPÍTULO V - O FLASHBACK

No seu regresso para casa, saindo da casa do seu antigo chefe, o Strick parou num parque público e sentou—se para encontrar uma explicação do porquê que os dirigentes do país Zeta não se preocupavam com o bem-estar do povo.

E no banco em que o Strick estava sentado, do nada se aproximou um velho coruja, e disse:

— Meu jovem, posso sentar-me aqui do seu lado, pois eu estou cansado da minha caminhada e preciso descansar um pouco?

O Strick não deu pelo velho se aproximando, mas ele também não esquentou a cabeça com isso porque ele estava imerso em seus pensamentos.

— Sim, esteja a vontade, há muito lugar aqui, a cadeira é longa e o parque é um lugar público. Disse o Strick.

O velho coruja se sentou. E depois de passados alguns minutos de absoluto silêncio entre os dois, o velho quebrou o silêncio.

— O que te apoqueta meu jovem? Perguntou o velho coruja.

— É que eu não entendo porquê que os nossos dirigentes não se preocupam com o povo e não entendo porquê que o povo não faz nada a respeito? Respondeu o Strick.

— Okay meu caro jovem, tu tens muita sorte por eu ser já velhinho e saber um pouco da história do nosso país. Disse o velho coruja.

— Vou te contar um pouco sobre a história do nosso país e espero do fundo do meu coração poder lhe ajudar com isso. Rematou o velho coruja.

E depois o velho começou a contar a história que ele conhecia do país Zeta:

— No princípio, o país Zeta era um bom sítio para se viver, havia paz, os animais viviam da agricultura, ninguém dominava sobre ninguém, cada um era dono de suas terras e todos viviam muito felizes.

— Até que um dia apareceram seres de outros planetas com armas altamente sofisticadas. Estes seres eram conhecidos como os dominadores.

— Estes seres eram povos nómadas, e a sua especialidade era invadir terras alheias e dominar sobre o povo destas terras.

— Então houve guerra entre os dominadores e o povo do país Zeta. Mas o povo do país do Zeta saiu derrotado nessa guerra, porque as suas armas não eram tão sofisticadas quanto as armas dos dominadores.

— E como o povo do país Zeta perdeu a guerra, então eles foram forçados, em suas próprias terras, a serem escravos dos dominadores. E essa realidade durou muitos anos.

— O povo do país Zeta havia perdido a sua liberdade, agora tinham um dono, eles já não tinham direito sobre a terra, e quem mandava em tudo agora era o rei dos dominadores.

— Mas um dia, um corajoso jovem jumento, o Pimpão, teve a ideia de fazer uma revolução contra o rei dominador, para poderem expulsar os dominadores das terras do povo do país Zeta.

— E por acaso todos queriam mesmo uma revolução, porque todos viviam oprimidos, eles não tinham direito sobre as terras que cultivavam e quem usufruía do fruto dos seus labores árduo era o povo dominador.

— O povo zeta também não estava contente porque entre eles ninguém conseguia sonhar com um futuro melhor.

— E os seus filhos não tinham direito a ir a escola, apenas os filhos do povo dominador iam para a escola.

— Então o astuto jovem jumento Pimpão explorou essas insatisfações do povo zeta para conseguir apoio para dar início a uma revolução.

— O jovem jumento prometeu que depois da revolução haveria igualdade para todos, todos teriam suas próprias terras para trabalhar, todos teriam comida sobre a mesa e ninguém passaria fome, pois o produto de seus trabalhos seria para eles próprios.

— Com esse discurso ele conseguiu aprovação para a revolução, mas mesmo assim eles ainda eram reduzidos em número para enfrentar os dominadores.

— Então o jovem jumento teve a ideia de ir pedir ajuda aos lacraus e aos tubarões, que na altura eram os marginais e os consumidores de estupefacientes nas esquinas mais perigosas do país Zeta.

— Os lacraus e os tubarões não tinham nenhum interesse na revolução, pois os dois eram criaturas muito parecidas em termos comportamentais.

— Eles sabiam se virar na vida mas não se preocupavam com mais ninguém, eles só se preocupavam com eles mesmos.

— Então o jovem jumento para lhes motivar a ajudar com a revolução, prometeu aos lacraus e aos tubarões cargos de direcção no novo governo, depois deles serem bem—sucedidos com a revolução.

— Foi aí que os lacraus e os tubarões se interessaram pela revolução, não pelo país, mas sim pelos seus próprios interesses, pois eles estavam a visualizar um bom futuro exercendo os cargos de direcção depois da revolução.

— A revolução foi feita e o povo do país Zeta saiu vitoriosa no final. O povo zeta conseguiu expulsar os dominadores, e voltaram a ser donos de suas terras, depois de vários anos de escravatura.

— Com a liderança do jovem jumento o país deixou de ser um reino e passou a ser um país.

— Houve eleições e quem foi eleito para presidente foi o jovem jumento (não por ser competente mas sim por ser o menos idiota no meio dos candidatos).

— O jovem jumento Pimpão assumiu a presidência aos 20 anos de idade logo após a revolução.

— E ele formou o seu governo com os lacraus e os tubarões tal como havia prometido antes da revolução.

— O mandato para o cargo de presidente era de 5 de anos, renovável para um segundo mandato, igualmente de 5 anos.

— No primeiro ano do mandato o jovem presidente jumento Pimpão estava a governar bem.

— Devolveu a terra ao povo, o povo voltou a cultivar a terra e tudo corria bem, e até as crianças começaram a ir para escola.

— No segundo ano do mandato do jumento Pimpão, o tempo foi passando mas nada mudava, o povo trabalhava duro mas o país Zeta não estava a ser reconstruído dos escombros da guerra.

— Mas por outro lado o presidente, os lacraus e os tubarões estavam vivendo em casas bonitas e fazendo fortunas com suas empresas privadas.

— E quando o povo reclamava que não havia reconstrução do país, os dirigentes alegavam que os atrasos eram devido a destruição causada pela revolução.

— E diziam ao povo que levariam algum tempo até recuperarem dos estragos que a revolução causou, apenas passou ainda um ano, diziam os governantes.

— Mas incrivelmente no final do segundo ano no poder, os governantes conseguiram colocar um muro que dividiu o país em dois, o lado Norte e o lado Sul.

— Pois nos primeiros dias do seu mandato, o presidente Pimpão foi aconselhado a não se misturar com o povo, e foi assim que ele teve a ideia de fazer o muro.

— Para que no lado Sul pudessem viver o povo que era miserável (no musseque) e no lado norte pudessem viver os abastados (na cidade).

— E assim se criou duas classes no país Zeta, os da classe baixa e os da classe alta. E a classe média praticamente era inexistente.

— Mas esta divisão fez baixar a popularidade do jovem jumento, ao ponto do povo começar a se arrepender de o terem ajudado a expulsar os dominadores.

— Porque na era dos dominadores pelo menos existia humanidade. Mas entre eles, que eram filhos da mesma terra, não existia humanidade, não existia amor ao próximo.

— Pois na era do Pimpão só um grupo pequeno tinha direito a enriquecer. Só um grupinho tinha direito a comer e viver bem, enquanto a desgraça do povo agudizava.

— E o povo ficava mais pobre ainda porque o jovem jumento implementou um tipo de imposto que praticamente o fazia sócio de cada produtor.

— O imposto era de 70% da safra de cada agricultor, e assim o jumento e o seu staff ficavam extremamente e absurdamente ricos.

— No terceiro ano no poder o jovem jumento começou a dar conta que não ia conseguir ganhar o segundo mandato, pois o povo já não estava aceitar a desculpa de que o fraco desenvolvimento do país devia-se a guerra.

— Mas o presidente Pimpão já estava se acostumando com poder e não estava a conseguir se imaginar fora do palácio presidencial, essa ideia lhe apavorava, pois ele agora queria o poder a todo custo e manter o seu padrão de vida.

— Então o Pimpão se reuniu com o seu staff (os lacraus, os tubarões e os macacos velhos), para encontrar uma solução para a sua preocupação.

— Na altura para fazer parte do staff do presidente tinha que se ter a capacidade de convencer o outro de que “o errado é o certo” e de que “o certo é o errado”.

— Um dos membros do staff do presidente, um tubarão, sugeriu que o presidente mudasse a lei para alterar a duração do seu primeiro mandato de 5 anos para 10 anos.

— O presidente achou essa ideia brilhante. Mas um outro membro do staff, dessa vez um lacrau, disse ao presidente que 10 anos terminariam um dia, então seria melhor transformar o seu primeiro mandato de 5 anos para um mandato vitalício.

— O jovem Pimpão achou essa ideia melhor que a anterior. Mas aí surgiu um macaco velho com a proposta de transformar o país em um reino, pois assim o presidente não teria que se preocupar com prestações de contas e a sua palavra seria lei.

— O presidente achou essa última ideia a mais genial de todas e assim o fez. Sem saber que o seu staff estava dando estas propostas pensando apenas nos seus próprios interesses individuais e não porque queriam ajudar o jovem presidente Pimpão.

— Os lacraus, os tubarões e os macacos velhos sabiam que enquanto o presidente Pimpão estiver no poder, eles poderiam viver bem, e uma mudança de presidente não lhes ajudaria em nada.

— O jovem jumento era muito corajoso, mas só que tinha um problema com ele. Ele não era nenhum pouquinho inteligente e por causa disso era facilmente influenciável.

— Então o presidente mandou alterar a lei, transformando o país em um reino, e o jovem Pimpão deixou de presidente e passou a ser um rei. E essas mudanças como foram feitas primeiro na lei então o povo não teria como reclamar.

— Aí começou o hábito de antes de aplicarem uma ideia macabra, mudarem primeiro a lei, assim quando aplicassem a ideia macabra, ela já não seria ilegal porque teria suporte legal na lei.

— Mas alguns cidadãos do país Zeta tentaram reivindicar que o país não fosse transformado em um reino, mas estes cidadãos foram severamente reprimidos e mandados todos para a prisão.

— Este acto não era crime porque o staff do Pimpão já previa estas manifestações, então mexeram na lei para que fosse criminalizado qualquer tipo de manifestação contra as ideias do rei jovem jumento Pimpão.

— Mandando para prisão os que tentassem reivindicar, deste modo colocaram o espírito de medo no meio da população para melhor reinarem.

— E após aquele evento, mais ninguém reclamava pois se o fizessem poderiam acabar presos.

— O jovem jumento estava a ser mal aconselhado pelo seu staff, que só queriam saber dos seus próprios interesses e não queriam saber dos problemas do povo.

— Pois o staff do Pimpão faria tudo que tivesse ao seu alcance para atingirem os seus objectivos individuais a custa do trabalho árduo dos outros.

— E quem se metesse entre os objectivos particulares dos lacraus e dos tubarões eram tirados da frente brutalmente e sem misericórdia.

— Mas o Pimpão não dava conta que estava a governar mal, porque o seu staff lhe colocava numa posição de deus e ele acabou sucumbido a estes elogios lisonjeiros.

— O staff do Pimpão desde os primeiros dias do governo, aconselharam ao jumento para implementar as seguintes práticas:

— Criar as leis com o intuito de proteger o jumento Pimpão e os interesses do seu staff. Mas a mesma lei devia condenar todos que se opusessem as ideias do Pimpão.

— Criar um currículo escolar que não abrisse a mente dos alunos mas que permitisse fechar ainda mais a mente dos alunos.

— Fazer o povo todo pensar como as galinhas, lhes dando apenas o suficiente para que eles não morressem de fome.

— Pois a galinha depois de ser depenada, se a seguir colocares comida na palma da sua mão e lhe dar, ela vai se esquecer da dor que passou e vai atrás da comida.

— Manter o povo na pobreza extrema para que o povo comesse mesmo na palma da mão dos governantes.

— Colocar o espírito de informadores no meio do povo, os camaleões, para que estes queixem todos aqueles que criticassem os governantes.

— Colocar o espírito de intriguistas no meio da população, para eles estarem uns contra os outros, pois assim ninguém confiará em ninguém.

— Colocar o espírito de fofoca no meio do povo para lhes separar, porque reinar na separação é mais fácil.

— Os fofoqueiros são os ratos que te mordem depois te assopram para você não sentir a dor da mordedura, e quando você dar conta da mordida, o estrago já está feito.

— Com o espírito de fofoca e falsidade no seio da população, estava o caos instalado. Mas seria um caos organizado pois seria o que os governantes desejavam, o caos.

O velho coruja parou por uns instantes, e depois continuou.

— Os governantes alteraram a história do país, contaram uma história fictícia para poder controlar a mente do povo.

— Nessa história os únicos heróis da revolução do país eram apenas o jumento, os lacraus e os tubarões, os mesmos que estavam a governar o país.

— Os governantes alteravam os dados estatísticos e usavam os meios de comunicação para desinformar ainda mais a população.

— Como o povo não conhecia a sua história e com a manipulação dos dados estatísticos era mais fácil governar sobre eles.

— Os governantes não criavam condições, para que o povo do musseque não pudesse viajar para outros países, pois se o povo tivesse contacto com outras realidades eles iriam começar abrir os olhos.

— Então os governantes dificultavam a vida do povo para que eles não abrissem os olhos, porque na verdade o povo era o escravo moderno dos governantes.

— E os do musseque que tivessem a ideia de ir conhecer outros países, lhes era perguntado o que iriam fazer na terra do estrangeiro, na terra dos dominadores?

— Aí na terra dos dominadores não tem nada, nós aqui estamos bem, nós somos os maiores, aí aonde queres ir há muita violência, não há paz, não há liberdade.

— E com esses dizeres os governantes conseguiam desencorajar o povo. Chamavam de outros países de terra dos dominadores, terra sem liberdade e justiça.

— E a mídia fazia um bom trabalho mostrando apenas os aspectos negativos daqueles países, mas numa forma absurdamente e desencorajadamente exagerada.

— Quando houvesse um escândalo no país Zeta, por parte dos governantes, os mesmos o abafavam criando um escândalo ainda maior, pelo menos assim desviavam a atenção do povo, e o povo na distração se esquecia do primeiro escândalo.

— O staff do jumento pimpão era muito bom em convencer, e sempre que tivessem oportunidade de falar, conseguiam convencer.

— E o único jeito de não ser convencido pelo staff do Pimpão, era não lhes deixar tempo para falar, pois se eles comessem a falar, seria fatal, eles iam te convencer.

— Os governantes fizeram o povo acreditar que o errado é certo. E fizeram o povo acreditar que o anormal é normal.

— Os governantes incentivavam o espírito de inveja, luta de poder e bajulação no local de trabalho.

— Assim surgiu a ideia de que para subir na vida tinha que se ser bajulador ou informante.

— Os governantes começaram a usar os animais do musseque como mão-de-obra barata.

— Os animais do musseque ajudavam a desenvolver a cidade mas os dirigentes não se preocupavam em desenvolver o musseque.

— No fundo a vida que o povo zeta levava era a mesma vida que eles levavam no tempo dos dominadores, só que desta vez os senhores eram os seus próprios irmãos.

— E isto fazia o povo se arrepender amargamente, pois estavam a viver uma autêntica ditadura moderna, anos de luz pior do que a primeira ditadura.

— O processo todo de afirmação do jovem jumento levou quatro anos, antes do término do seu primeiro mandato. Mas os resultados são sentidos até hoje meu jovem.

O velho coruja fez mais uma pausa, e depois continuou:

— Por isso meu jovem águia, muito cuidado com aqueles que incitam revoluções, porque o mais importante não é fazer a revolução.

— O mais importante é saber quais são os ideais dos promotores das revoluções e quais são os planos do pois revolução.

— É muito importante saber detalhadamente o que será feito depois da revolução. Senão a história se repete, sai um ditador e entra outro ditador, e pior ainda que o anterior.

Enquanto o velho coruja ia falando, o jovem Strick foi apossado por extrema admiração pelas revelações.

— Mais velho, eu estou estúpido aos factos! Disse o Strick.

— Mas, mais velho, porquê que o jumento Pimpão e o seu staff optaram por essa abordagem? Perguntou o Strick.

E o velho coruja respondeu:

— Quem é fraco esconde a sua fraqueza na arrogância e leva a peito todo tipo de crítica que é proferida contra ele, pois só sabem tratar os assuntos de forma pessoal.

— E quem é incompetente passa sua vida a atirar as culpas dos seus fracassos aos outros e depois não faz nada a respeito.

— Pois os fracos acham que depois de atirarem as culpas dos seus fracassos aos outros, têm o problema resolvido.

— Mas um competente faz o contrário, sempre culpa-se a si mesmos pelos seus fracassos e depois faz alguma coisa a respeito.

— Mas como os nossos governantes são fracos e incompetentes o único jeito que eles têm para esconder as suas fraquezas, é sendo arrogantes e autoritários.

— E para poderem governar instalam o espírito de medo no meio do povo, espírito de separação e mantêm o povo na ignorância.

O jovem Strick não conseguia acreditar no que estava a ouvir.

Vendo o velho coruja estampado na cara do Strick a imagem de incredulidade, o velho disse:

— É isso meu jovem, sempre estive no sangue dos governantes serem os manda chujas, ver os outros a sofrerem e fazer os outros comerem na palma da mão deles.

— Esta é a pequena parte da história que este velhote pode te contar meu jovem. Espero poder ter te ajudado de alguma forma. Terminou o velho coruja.

— Nem imaginas o quanto ajudaste meu velho coruja. Disse o Strick.

— Bem meu jovem, eu vou continuar a minha caminhada, já descansei o suficiente, cuide—se. Disse o velho coruja.

O jovem águia estava tomado de muita alegria. — Muito obrigado meu velho coruja, e boa caminhada. Disse o Strick.

E o velho coruja já de pé, de costas viradas e a alguns passos de distância do Strick, acenou com a mão direita em forma de resposta e desvaneceu entre a população.

A conversa com este velho coruja, que nem chegamos a se apresentar, foi deveras muito frutífera. Pensou o Strick.

O velho coruja tinha aparecido do nada e também desapareceu do nada, como se fosse um anjo enviado apenas para aquele momento com o Strick.

Pois depois dessa conversa, o Strick tinha o quadro completo, já não tinha mais nenhuma dúvida, e de repente tudo começou a fazer mais sentido para ele.

E estavam a surgir muitas ideias na cabeça do Strick, e ali ele realizou que as soluções não são nada mais nada menos do que ideias (alternativas).

E há uma coisa que o Strick nunca tinha pensado, era que as leis no seu país eram diferentes das leis da natureza que não podem ser alteradas pelos homens.

Ele deu conta que as leis do seu país eram feitas por animais e esses mesmos animais alteravam as leis a seu bel-prazer para fins particulares e inconfessos.

Então ele deu conta que para fazer uma mudança positiva também devem se alterar as leis, afinal foram mesmo feitos por animais, então um animal também pode alterá-las.

Essa experiência do Strick com o velho coruja desconhecido foi muito revelador para ele, pois lhe levantou a moral para prosseguir com a sua luta.

O Strick ainda sentado no banco, reclinou-se para trás para que a suas escotas tocassem a parte vertical do banco, levantou a cabeça para o céu e agradeceu.

Pois ele sentiu no seu íntimo que aquele velho coruja foi enviado com o propósito de lhe trazer aquelas revelações naquele dia, naquela hora e naquele lugar.

CAPÍTULO VI - A SAGA CONTINUA

O Strick tinha pensado em desistir quando perdeu o seu emprego na polícia, porque ele só sabia mandar, só sabia investigar e só sabia ensinar, e ele não estava a ver como essas habilidades iriam ajudar-lhe na sua odisseia.

Mas quando ele teve aquela experiência com o velho coruja desconhecido, ele começou a ter novas ideias. E ele se lembrou de que, quem vem debaixo, não importa quantas vezes cai, mas se levanta sempre.

O encontro com o velho coruja desconhecido fez o Strick:

— Entender que o sofrimento na parte Sul do país Zeta era intencional. E ele começou a perceber também que o país estava na condição em que se encontrava porque fazia mesmo parte de um plano macabro dos governantes.

— Começou a entender que a guerra era apenas uma desculpa para meter o povo calmo, e que o esperto não almoça só janta era mesmo para fazer o povo se acostumar com migalhas e não ter tempo para vislumbrar um futuro melhor.

— Deu conta também que os governantes mantinham o povo domesticado com estatísticas manipuladas, currículo escolar fraco, manipulação dos meios de comunicação e manipulação da história do país Zeta.

E o velho coruja também fez o jovem Strick ver que o mais importante do que conseguir o que se quer conseguir, é saber o que vai se fazer depois de se conseguir o que se quer conseguir.

Então o Strick pensou que tinha que fazer algo que levasse o povo a agir, mas não porque o povo tinha fome de alimento mas sim porque o povo tinha sede e fome de liberdade e justiça para todos.

O Strick deu conta que a população não tinha sonhos próprios porque o currículo escolar era altamente pobre, e para piorar os professores não ensinavam bem para que pudessem depois extorquir valores aos alunos para que estes transitassem de classe.

Com a experiência financeira que o Strick teve com a sua família, ele chegou a conclusão de que as coisas não devem ser entregues de bandeja, as coisas devem conquistadas.

Então o Strick concluiu que a liberdade do seu povo também não devia ser entregue ao povo, o povo é que tinha que ter sede de liberdade dentro deles, para depois eles mesmo irem a luta para conquistarem a liberdade.

Mas pela história que o Strick ouviu do velho coruja desconhecido, todas as condições estavam criadas para que o povo continuasse na escravatura moderna nas mãos dos governantes.

Então ele chegou a conclusão que o campo de batalha era a mente, porque as correntes estavam nas mentes do povo, então era as mentes do povo que tinham que ser libertas.

Então o Strick deu conta que ele podia usar as suas habilidades de professor para ajudar os animais a verem o outro lado da moeda, e mudarem de paradigma.

Mas nesse processo de busca de soluções para os problemas do país Zeta, o Strick entendeu que a solução para o país Zeta viria das mãos das gerações futuras.

Porque ele deu conta que os seus contemporâneos também já estavam viciados, consciente ou inconscientemente, eles já tinham alguns hábitos que os governantes lhes impingiram na mente ao longo dos anos.

O Strick chegou a conclusão de que a sua geração também já estava corrompida, porque muitos dos que não praticavam actos ilícitos era apenas pelo simples facto de eles não terem a oportunidade para tal.

Então isso fez o Strick reflectir que preservar a mente dos mais jovens era a prioridade. Lhes ensinar a se emanciparem financeira porque os governantes davam pouco ao povo para que esses vivessem mesmo na dependência.

Pois no país Zeta quem tinha o poder financeiro dominava sobre os demais. Essa era a realidade nesse país.

Depois dessas conclusões o Strick foi pedir emprego no ministério da educação e conseguiu uma vaga para leccionar numa escola pública no lado Sul do país, no musseque.

Nessa escola pública, o Strick reparou que o currículo escolar não ajudava os alunos a desenvolverem o pensamento crítico e a pensarem por si próprios.

Ele como era o coordenador da disciplina, então pediu autorização para fazer algumas alterações no conteúdo programático, pensando consigo mesmo:

— Se os governantes conseguem alterar as leis para melhor governar, então eu também posso alterar esse programa para poder ensinar os alunos a pensarem por si.

A autorização foi concedida e o Strick de imediato fez as devidas alterações ao programa. E fruto dessas alterações os alunos começaram a abrir a mente aos poucos.

Os alunos começaram a ter pensamentos mais críticos, os alunos começaram a exigir mais, os alunos começaram a fazer muitas perguntas difíceis de responder, pois agora a curiosidade dos alunos estava muito aguçada.

Os alunos começaram a dar conta que se eles sentavam-se em latas e em pedras é porque o dinheiro que era destinado para as escolas públicas no musseque era desviado para apetrechar as escolas privadas dos lacraus na cidade.

Os alunos começaram a dar conta que os seus irmãos morriam nos hospitais por falta de medicamento, porque o dinheiro que era destinado para os hospitais no musseque era desviado para as clínicas privadas dos lacraus na cidade.

Estas perguntas dos alunos estavam a incomodar os governantes, que a seguir tiveram saber quem estava por trás do despertar dos alunos.

Os governantes deram conta que a culpa do despertar dos alunos era do Strick. Então a elite pressionou o director da escola para que ele demitisse o Strick.

O director da escola não tinha outra alternativa, ou era ele manter a sua barriga grande de tanto comer bem ou era ele ficar do lado do Strick e ficar manequim de tanto fazer jejum forçado. O director pensou bem e decidiu demitir o Strick.

O jovem Strick foi traído pelos seus próprios colegas, que estavam a encontrar dificuldades em extorquir dinheiro dos alunos para que estes passassem de classe, pois os alunos estavam a dar conta que esta era uma prática errada.

Mas o jovem Strick já não ficou abalado com isso, ele sabia que para tudo exigia sacrifício, e ele também já estava calejado, não era a primeira vez que ele estava nessa situação, aquilo já era o prato do dia para ele.

A parte boa é que alguns já estavam a começar a ver o anormal como anormal e o errado como errado. Já não estavam a tolerar se conformar com o anormal e com o errado como se fosse uma coisa boa.

Motivado com essa pequena mudança de paradigma, então o Strick foi procurar emprego num centro de formação profissional, sempre no lado Sul, e foi admitido.

Quando ele começou a dar aulas, fez uma avaliação para fazer o diagnóstico de como os alunos pensavam ao terminar o curso, e o resultado foi de que os alunos saíam com a mentalidade de que quando terminarem os cursos iriam procurar emprego nas empresas privadas dos lacraus e dos tubarões.

O Strick como já sabia que um dos meios que os dirigentes encontraram para domesticar a população era lhes fazer comer na palma das mãos deles.

Então o jovem Strick nas suas aulas incutiu na cabeça dos estudantes que eles deveriam sair destes cursos com mentalidade de serem empregadores e não com a mentalidade de irem procurar emprego e fazer o outro ficar rico.

O Strick lhes colocou na cabeça a mentalidade de fazerem parcerias, e assim não necessária mente um ficaria rico e outro ficaria pobre. Os dois lados ficariam ricos.

Fez isso porque ele já tinha dado conta que a liberdade financeira era muito importante. Então ele meteu na cabeça dos estudantes que não deveriam sair dos cursos com a ideia de cobrar emprego por parte dos governantes.

Mas sim deveriam sair destes cursos com a ideia de cobrar por parte dos governantes boas estradas, boa segurança, boa iluminação, boas redes de esgotos, porque as melhorias nessas áreas proporcionariam um bom ambiente de negócio.

— Com essas condições criadas vocês poderão andar com os vossos próprios pés, vocês poderão depender de vocês mesmos e não comerão na palma da mão de ninguém. Disse o Strick.

— E também não terão que necessariamente serem pobres só porque os vossos pais foram pobres. Concluiu o Strick.

Os alunos se identificaram com esse modo de pensar e abraçaram as ideias a eles transmitidas.

Então os alunos começaram a perceber que quando os governantes se metiam a ser empresários, eles deixavam de cumprir com as suas obrigações, e quando isso acontecia, as burocracias surgiam e os indivíduos para não serem parados pelas burocracias, teriam que recorrer a corrupção, caso contrário era difícil avançar.

E a corrupção não era combatida porque, quem tinha que ser o árbitro (os governantes), também eram jogadores, e para piorar estavam em campo. Logo ninguém controlava ninguém, ninguém supervisionava ninguém, ninguém prestava contas a ninguém, e o caos estava instalado.

Então os alunos começaram a sair dos cursos fazendo exigências inteligentes (exigir criação de infra-estruturas que funcionassem a 100%, e exigir que os servidores públicos deixassem de ser empresários).

E os lacraus estavam a começar ter concorrentes, pois os alunos já não iam a correr para trabalhar nas suas empresas e lhes tornar ainda mais ricos, porque os alunos agora queriam ser também empresários e exigiam parcerias justas.

Os lacraus e os tubarões estavam com muita dor de cabeça, mas depois eles deram conta que essa dor de cabeça tinha como a causa raiz de novo o Strick. Então eles fizeram pressão ao director do centro de formação para despedir o Strick.

O director do centro se sentiu entre a espada e a parede, mas não pensou duas vezes no dilema que lhe foi colocado, demitir o Strick ou manter a sua vida mulata. Ele demitiu de imediato o Strick porque não queria perder a vida mulata que tinha.

Lá estava de novo o Strick no olho da rua, mas isso era de se esperar porque o sistema não gostava de mentes pensantes. Ele apenas se meteu a pensar como poderia continuar a sua luta pela libertação das mentes do povo.

Então o Strick surgiu com a ideia de começar a dar palestras. Pois ele deu conta que havia muitos com os espíritos de ratos e camaleões no meio do povo e esses causavam desunião com suas fofocas e falsidade (duas caras).

Então o Strick tinha que dar um jeito de ensinar o povo a se proteger destes males.

Então o Strick nas suas palestras dizia que acreditar em fofocas é bom, mas acreditar em evidências é melhor ainda.

E assim o Strick estava a introduzir o espírito de cobrança de evidências sempre, cobrança de provas do que se está a ser dito e em caso de acusações cobrar testemunha e fazer sempre acareações.

E o Strick pregava em voz alta: A fofoca não resiste a esses meios, vão por esse caminho e vocês verão que será bem mais difícil fazerem troça de vocês.

O Strick dizia aquilo porque ele já tinha dado conta que o jeito mais fácil do povo não ser aldrabado com facilidade, seria o povo ser um “Tomé para tudo que os governantes diziam”.

Com essas abordagens o povo estava a ser mais crítico e estavam a cobrar suporte aos dados estatísticos apresentados, estavam a ser mais cépticos as notícias que passavam na mídia.

E o povo antes de passar alguma notícia para frente, eles agora estavam a ter paciência de verificar primeiro a fonte e a credibilidade da informação.

O povo começou a questionar os dados estatísticos, começaram a ficar curiosos sobre a história do país Zeta, e estava a ser mais difícil lhes manipular porque agora estavam a pensar por conta própria.

O povo começou a perguntar mais, e as perguntas predilectas eram Porquê? (a razão) e como? (como fazer).

Mas este despertar da população estava a incomodar muito aos governantes, e eles ficaram mais fulos ainda quando deram conta que era de novo obra do Strick.

Os governantes se reuniram com todos os directores dos auditórios do país Zeta e proibiram que algum deles aceitasse receber o Strick em seus recintos para ele dar palestras ao povo.

E assim o nome do Strick entrou na lista negra.

Mas uma vez o Strick estava bloqueado, mas adivinha só, ele era uma águia, e o lugar das águias é no alto céu aonde mais nenhuma ave voa.

Então ele continuou a pensar como continuar a voar alto.

E o Strick num belo dia se meteu a pensar: Se pelo menos esse povo pudesse ver como os outros vivem noutros países, isso lhes ajudaria a abrir as suas mentes tal como abriu a minha.

E o Strick se lembrou que o sonho do George era ajudar os outros a viajarem para o exterior só para poderem ver como os outros vivem.

Então ele pensou, se esse povo não pode ir até esses países, então eu vou levar esses países a casa de cada um.

Foi aí que lhe veio em mente a ideia de em escrever um livro. Então o Strick escreveu um livro sobre a sua experiência em terras estrangeira, quando ele foi visitar outros países do universo União nas suas férias.

O Strick escreveu o livro e publicou. O livro foi um bestseller, o livro chegou a casa de cada um no país Zeta.

O povo leu o livro do Strick, gostaram e pela primeira vez os que nunca viajaram começaram a viajar através da leitura daquele livro.

E povo começou a ver que a realidade descrita no livro conflituava com a realidade que a mídia lhes apresentava sobre esses países.

E como o povo já tinha o espírito crítico, só havia um jeito de eles saberem se o que estava narrado no livro era verdade ou fantasia, e esse jeito era eles próprios irem constatar essa realidade in loco.

O povo estava a despertar outras curiosidades com a leitura do livro. E os governantes não estavam a gostar, então baniram o livro. Ler o livro do Strick virou crime.

Mas a parte boa é que o livro foi um bestseller e cada um no país Zeta já tinha uma cópia do livro em sua casa antes dele ser banido.

Quando baniram o seu livro, o Strick pensou: Quando você pensa que a tua situação não tem como ficar pior, de repente ela fica pior ainda.

Depois de banirem o seu livro, os governantes foram mais longe ainda, fizeram um alerta nacional de que era proibido alguém dar emprego ao Strick.

Aí o Strick deu conta que: Quando você pensa que já chegou no fundo poço, de repente continuas a cair ainda mais o poço a baixo.

Esse era um pensamento sombrio, mas era a realidade que ele estava a vivendo.

Com esse alargamento da lista negra, o Strick pensou que estava acabado. Mas ele depois se lembrou que ele não é uma galinha como lhe fizeram pensar durante muito tempo, ele era uma águia, e as águias não desistem.

O Strick agora estava com 38 anos de idade.

Num belo dia o Strick estava no sofá de sua casa a ver tv, pois ele deixou de viver com o George depois conseguir o seu primeiro emprego.

E na tv estavam a falar sobre os vírus, e aí ele se lembrou que os vírus se disseminam a uma velocidade muito rápida.

Então o Strick teve a brilhante ideia de criar uma ideia que se multiplicasse e se disseminasse que nem um vírus, com muita rapidez.

Se inspirando nas dificuldades que ele viveu no musseque (sempre sonhou que aparecesse alguém que aliviasse a sua dor).

Então ele decidiu ser esse alguém para os outros, porque ele achou que estas animais deviam estar a partilhar o mesmo sentimento que ele tinha lá no passado.

Então o Strick teve a ideia de ajudar financeiramente com a formação daquelas crianças do musseque que os seus pais viviam o dilema entre pagar a escola das crianças ou colocar comida na mesa.

Ele também se dedicou a ser mentor dessas crianças, mantendo-os distantes da vida nas ruas enquanto os pais estivessem fora, no trabalho.

E também porque a mente das gerações futuras tinham que ser preservadas, os mais jovens tinha que ser bem encaminhados.

E ele também teve a ideia de patrocinar cursos profissionais para os águias, leões, tigres e todos os outros animais que descobriram que não são galinhas como os governantes lhes fizeram crer durante muito tempo.

E pensando na experiência que ele teve com o velho coruja desconhecido no parque, o Strick começou a visitar os lares de acolhimento de idosos.

E as histórias acerca do país Zeta, que estavam guardadas na biblioteca viva da memória daqueles velhos, eram maravilhosas e interessantes de ouvir.

Nestes lares de idosos, o Strick encontrou algumas figuras ainda vivas que participaram da guerra de emancipação do país Zeta, mas que foram abandonados por terem pensamentos contrários aos do rei Pimpão.

E também encontrou alguns indivíduos que tentaram revindicar quando o jumento Pimpão e o seu staff começaram a mexer na lei para proveito próprio e particular.

O Strick também visitava lares de crianças abandonadas, pois as crianças eram prioridades pois o futuro da nação estava nas mãos deles.

O Strick visitava estes lares para dar esperança àquelas crianças, porque eles seriam os futuros dirigentes da nação.

Os animais que descobriram que não são galinhas tal como lhes fizeram pensar toda suas vidas, quando estes conseguiam ser empreendedores de sucessos perguntavam como podiam retribuir a ajuda que o Strick havia lhes dado. E o Strick respondia:

— Ajuda os outros animais a descobrirem que não são galinhas como lhes fazem crer esse tempo todo.

— Ajude 5 deles com a formação profissional (pague a formação deles) e ajude 10 criança a se formar, seja mentor deles (lhes afasta da má influência da vida de vadiagem das ruas).

— Visite os lares de acolhimento de idosos, eles são uma biblioteca viva, há um material muito precioso debaixo de seus crânios.

— Mas este material está em perigo de extinção por causa da idade deles, este material pode se perder para sempre se os velhos levarem com eles para a tumba.

— Para visitar estes velhos não precisas levar dinheiro e outros bens materiais, estas coisas já perderam valor para eles, o que tem valor para eles é o afecto.

— Visite as crianças nos centros de acolhimento de crianças abandonadas, eles não precisam de muito, eles só precisam de afecto.

— Seja padrinho de pelo menos uma criança nesses centros, seja mentor deles, nunca se sabe, o nosso futuro presidente pode vir daí.

— Aonde a tua empresa estiver inserida, ajude aquela comunidade a se desenvolver também.

— Que o bairro aonde a sua empresa estiver possa acompanhar o crescimento da sua empresa. Que a população daquela localidade também possa crescer.

— Seja mentor de alguém, seja referência para alguém, seja um exemplo para alguém, seja o herói de alguém, seja um anjo da guarda para alguém.

— E os animais que você ajudar a darem conta que não são galinhas, como lhe fizeram pensar, e os 5 animais que você ajudar com a formação profissional, quando cada um deles te perguntar como pode te retribuir o favor.

— Você diz a cada um deles exactamente o que eu te disse. Faça dos meus pedidos, seus pedidos. E eles façam o mesmo e assim por diante. Faça essa ideia se proliferar que nem um vírus.

— É assim que eu quero que você me retribui.

— Seja uma ponte para a liberdade dos outros. Terminou o Strick.

Depois do Strick ter ajudado muita gente, ele subitamente e misteriosamente desapareceu, e ninguém mais soube do seu paradeiro.

Era um ministério o que se passara com ele, houve muitas especulações sobre o que aconteceu com ele.

Mas havia apenas uma certeza, o efeito multiplicador que o Strick queria atingir, foi atingido.

O povo se tornou mais exigente porque deu conta que eles não tinham sonhos próprios, e que na verdade ajudavam a realizar os sonhos dos governantes.

E aí o povo deu conta que eles foram muito ingénuos em pensar que os que governavam sobre eles eram burros, porque na verdade a prova de que eles não eram burros era o facto de eles conseguirem se manter no poder por muitos anos.

O povo finalmente descobriu que não são galinhas e se libertaram do espírito das galinhas e passaram a assumir as suas verdadeiras naturezas (águias, leões, tigres e etc.).

Depois do seu desaparecimento, o Strick passou a ser lembrado com os dizeres: “Seja mentor de alguém, seja referência para alguém, seja um exemplo para alguém, seja o herói de alguém, seja um anjo da guarda para alguém”.

O águia Strick estava exactamente com 40 anos de idade quando desapareceu súbita e misteriosamente, tal como o velho coruja desconhecido tinha desaparecido.

E pese embora todas as reformas que o Strick começou foi impedido de terminar, o que ele não chegou a saber é que mesmo depois do seu desaparecimento as suas reformas continuaram pelas mãos de outros animais.

Lembre-se: “Continue trabalhando bem, tu podes pensar que ninguém está te vendo, mas estão te vendo, estão te apreciando e estás a inspirar muitos corações.”

As reformas continuaram porque mesmo sem o Strick dar conta, ele estava a ser uma boa influência para alguém, estava inspirando muita gente, estava a ser uma boa referência.

E na verdade as reformas que o Strick começou nos sítios em que ele foi expulso, quando ele saía alguém dava sempre sequência as reformas que ele começou.

O espírito de reformas não ficou apenas pelos sítios em que o Strick passou, esse espírito de reformas se estendeu também para vários sítios que ele nem chegou passar.

Após o misterioso desaparecimento do águia Strick, os três anos a seguir foram de muita revolução, foram anos de muito despertar de mentes.

Pois as ideias do Strick estava a chegar no coração de cada um no país Zeta. E essas ideias estavam a funcionar como sementes plantadas em seus corações que estavam dando como fruto um desejo ardente por justiça e liberdade.

A população despertou do sono em que estava, o povo começou a trabalhar mais em parceria e os espíritos de separação desapareceu.

Houve efectivamente uma revolução da mente tal como o Strick previu.

O espírito de rato (fofoqueiro) e o espírito de camaleão (duas face e traidores) deixou de existir, pois esses espíritos não resistiram as técnicas ensinadas pelo Strick para parar estes males.

Os espíritos de lacrau, tubarão, macaco velho, raposa, sanguessuga também desapareceram, pois não havia lugar para esses espíritos no seio da população que estava mentalmente livre das correntes mentais.

No final do terceiro ano depois do desaparecimento do Strick, a pressão contra o rei e o seu staff era tanta que o rei acabou sendo forçado a abandonar o poder, sob a acusação de desgovernar o país em colaboração com o seu staff.

A cerca que dividia o país em dois polos foi derrubada e hoje o país voltou a ser um. Agora todos são iguais, a parte Sul do país foi reconstruída e chegou ao mesmo nível de desenvolvimento igual ao da parte Norte.

Depois do rei jumento abandonar o poder, foi formado um governo de transição que durou dois anos e este governo de transição se encarregou de levar os antigos governantes as contas com a justiça.

Quanto aos lacraus e os tubarões, alguns foram condenados a crimes que o Strick lhes acusava, os macacos velhos também, mas uns preferiram seguir o exemplo de Judas antes de serem condenados, tal como o rei jumento Pimpão também o fez.

O equilíbrio desejado no país Zeta não foi encontrado de imediato, foi alcançado depois dos contemporâneos do Strick deixarem de fazer parte da população activa.

A camada jovem que veio a seguir é que trouxe a paz plena, é que trouxe a liberdade verdadeira sem vícios do passado, tal como o Strick previra.

O reino deixou de ser reino e passou a ser de novo um país. Houve eleições novamente e desta vez quem ganhou foi um jovem leão competente.

Depois de 45 anos da independência conquistada das mãos dos dominadores, o país Zeta conheceu o seu segundo presidente, que formou um governo inclusivo com animais competentes.

O jovem presidente leão, o Zito, entendia e conhecia muito bem os problemas da população, pois ele viveu num lar de acolhimento antes de ser adoptado pela família do senhor Zizu.

O jovem presidente Zito se livrou dos contemporâneos do Strick criando condições necessárias para que estes passassem para a reforma antecipada.

O governo do jovem leão Zito conseguiu eliminar a classe baixa e hoje no país ainda continua a existir duas classes, mas desta vez são: A classe média (composta por trabalhadores regulares) e a classe alta (composta por empreendedores de sucesso).

O país que o Strick sonhava ver um dia foi alcançado e em condições muito acima daquelas que ele esperava ver um dia.

Esse equilíbrio foi atingido exactamente 50 anos depois do povo Zeta ter conseguido a independência das mãos dos dominadores.

Os irmãos do Strick conseguiram se formar e foram bem-sucedidos. Um se formou em direito, o Scoty, e ajudou a endireitar as leis do país do país Zeta, e o outro se formou em economia, o Roy, e ajudou a endireitar a economia do país Zeta.

O George conseguiu ser dono de uma companhia aérea e passou a realizar o seu sonho de levar muitos animais além-fronteiras para experimentar novas experiências.

O George jr seguiu a paixão do pai e se tornou um brilhante piloto. A Mila seguiu a paixão da mãe e se tornou uma médica e ajudou muitos animais no país Zeta.

A empregada doméstica conseguiu concretizar o seu sonho, inspirou muita gente, e até hoje o seu legado continua.

Hoje o país Zeta é respeitado e é uma referência e exemplo a seguir. Hoje os cidadãos desse país protegem a sua liberdade e promovem liberdade dos outros.

O povo agora consegue viajar para outros países e ver como os outros vivem e também agora conseguem fazer parceiras justas com povos de outros países.

No país realmente houve mais uma revolução, mas desta vez a revolução foi feita por gente preparada e que sabia o que queria da vida.

O lema do país agora é: Cada um aonde estiver promova a “Liberdade Para Todos.” Este agora era o lema a ser protegido a qualquer custo, “LIBERDADE”.

FIM...

MORAL DA HISTÓRIA

Os heróis não são seres de outro mundo e muito menos eles têm super poderes. Eles são pessoas normais mas com as características de super comprometimento e características de super determinação.

Os heróis são pessoas normais de carne e osso que dão sempre o seu melhor, dão sempre o seu máximo, fazem sempre tudo que estiver ao seu alcance para que as coisas possam acontecer.

Os heróis não ficam parados, eles estão sempre em movimento, porque eles sabem que parar é morrer. Eles não esperam facilidades da vida, porque sabem que a vida não é uma função linear.

Os heróis sabem que na vida há muitos altos e baixos. Pois eles se lembram o que representa a vida numa cama do hospital, não são as linhas rectas no monitor, mas sim são as linhas com altos e baixos no monitor.

Seja uma ponte...

Seja um facilitador...

Autor: Herculano Caculo